

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Administração e de Turismo
Programa de Pós-Graduação em Administração Pública em Rede Nacional –
PROFIAP



Dissertação

**O papel da universidade na capacitação dos discentes na proficiência em
Língua Inglesa para a Internacionalização**

Amanda Bleggi

Pelotas, 2019

Amanda Bleggi

**O papel da universidade na capacitação dos discentes na proficiência em
Língua Inglesa para a internacionalização**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração Pública em Rede Nacional – PROFIAP da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Administração Pública.

Orientador: Prof. Dr. Alisson Eduardo Maehler

Pelotas, 2019

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

B646p Bleggi, Amanda

O papel da universidade na capacitação dos discentes na proficiência em língua inglesa para a internacionalização / Amanda Bleggi ; Alisson Eduardo Maehler, orientador. — Pelotas, 2019.

77 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação Profissional em Administração Pública em Rede Nacional, Faculdade de Administração e de Turismo, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

1. Internacionalização. 2. Ensino superior. 3. Língua inglesa. I. Maehler, Alisson Eduardo, orient. II. Título.

CDD : 351

Amanda Bleggi

**O papel da universidade na capacitação dos discentes na proficiência em
Língua Inglesa para a internacionalização**

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Administração Pública, Programa de Pós-Graduação em Administração Pública em Rede Nacional – PROFIAP, Faculdade de Administração e de Turismo, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 31/10/2019

Banca examinadora:

.....
Prof. Dr. Alisson Eduardo Maehler (Orientador)

Doutor em Administração Universidade Federal do Rio Grande do Sul

.....
Prof. Dr.^a Maria da Graça Gomes Ramos

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

.....
Prof. Dr. Isabel Cristina Rosa Barros Rasia

Doutor em Administração pela Universidade de Caxias do Sul

.....
Prof. Dr. Carolina Freddo Fleck

Doutor em Administração pela Universidade de Caxias do Sul

Agradecimentos

A realização de um Mestrado era algo muito distante em minha mente, não foi algo planejado, mas teve um valor muito grande para mim. Só foi possível com o apoio incondicional dos meus pais. Agradeço primeiramente a eles, Rô e Renato, minha base para tudo. Agradeço também à minha filha, Olívia, que teve uma paciência e uma maturidade totalmente inesperada para a sua pouca idade. Ela soube esperar para brincar, para passear e para ter um pouquinho de atenção no fim do dia, e, apesar de receber uma mãe exausta, sempre estava com um sorriso no rosto.

Agradeço ao meu professor e orientador, Alisson Maehler, que não desistiu de mim mesmo quando eu mesma já estava abandonando o barco. Sem teu incentivo, professor, essa Dissertação não teria saído! Muito obrigada pela orientação e pela confiança.

Por fim, agradeço aos professores do PROFIAP, que me ensinaram e me capacitaram. Apreendi muito. Muito mais do que conteúdo teórico, hoje me sinto uma servidora pública mais qualificada do que quando entrei no curso. Levo comigo muitos conceitos, mas acima disso, muitas experiências. Sou grata pela possibilidade de ter acesso a esse curso que recebe tantos de nós, servidores técnico-administrativos. Esse espaço nos deu voz!

Resumo

BLEGGI, Amanda. **O papel da universidade na capacitação dos discentes na proficiência em Língua Inglesa para a internacionalização**: 2019, 77f. Dissertação (Mestrado Profissional em Administração Pública) – Programa de Pós-Graduação em Administração Pública em Rede Nacional – PROFIAP, Faculdade de Administração e de Turismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

O presente estudo tem o objetivo de analisar como a universidade pode proporcionar aos discentes de Pós-Graduação o nível de inglês para o mercado de trabalho global atual. O referencial teórico apresentado buscou identificar as demandas de idioma estrangeiro no mercado de trabalho atual, partindo da discussão sobre internacionalização e globalização no ensino superior, do inglês como língua global, do *English as a Medium of Instruction* (EMI) como ferramenta no processo de implementação de disciplinas em inglês nas universidades, e da relação entre Língua Inglesa e empregabilidade. Na pesquisa utilizou-se a técnica de estudo de caso, tendo como objeto os Programas de Pós-Graduação da UFPel com conceito 6 e 7 da CAPES. A abordagem foi qualitativa descritiva. A realização das entrevistas semiestruturadas com os Coordenadores selecionados, seguida da análise dos dados qualitativos por meio da abordagem interpretativa, pretendeu verificar se a Língua Inglesa é importante nesse nível de formação e que ações a UFPel poderia realizar para melhorar a habilidade de comunicação em Língua Inglesa dos discentes. Além disso, buscou verificar se os Coordenadores conhecem o EMI e se existem disciplinas ministradas em Língua Inglesa nos Programas. Identificou-se que os Programas estão em níveis diferentes no avanço da implementação de disciplinas, cursos e atividades acadêmicas desenvolvidas em Língua Inglesa. Ainda foi possível elaborar sugestões de melhorias e de novas ações que a UFPel poderá realizar para seguir a tendência da globalização no ensino superior, elevando o nível da instituição no cenário acadêmico a nível mundial.

Palavras-chave: internacionalização; ensino superior; língua inglesa.

Abstract

BLEGGI, Amanda. **The role of the university in empowering students in English language proficiency for internationalization:** 2019. 77f. Master's Thesis (Professional Master Degree in Public Administration) – Postgraduate Program in Public Administration in National Network - PROFIAP, School of Administration and Tourism, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2019.

This study aims to analyze how the university can provide Graduate students with the level of English for the current global job market. The theoretical framework presented sought to identify the foreign language demands in the current labor market, starting from the discussion on internationalization and globalization in higher education, English as a global language, English as a Medium of Instruction (EMI) as a tool in the process of implementing English subjects in universities, and the relationship between English language and employability. The research used the case study technique, having as its object the UFPel Graduate Programs with CAPES concept 6 and 7. The approach was qualitative descriptive. The semi-structured interviews with the selected Coordinators, followed by the analysis of qualitative data through the interpretative approach, aimed to verify if the English Language is important at this level of education and what actions UFPel could take to improve the level of English Language knowledge of the students. In addition, it sought to verify if the Coordinators know the EMI and if there are subjects taught in English Language in the Programs. It has been found that Programs are at different levels in advancing the implementation of English language subjects, courses and academic activities. It was also possible to elaborate suggestions for improvements and new actions that UFPel may take to follow the trend of globalization in higher education, raising the institution's level in the academic scenario worldwide.

Keywords: internationalization; higher education; English language.

Lista de figuras

Figura 1	desenho da pesquisa	34
Figura 2	mapa de Pelotas e Capão do Leão com demarcação dos prédios da UFPel	35
Figura 3	avaliação CAPES dos PPG da UFPel	40

Lista de Tabelas

Tabela 1	habilidades procuradas por empregadores australianos na visão dos estudantes	27
Tabela 2	identificação dos entrevistados	39
Tabela 3	distribuição dos estudantes estrangeiros nos PPG	50
Tabela 4	nacionalidade dos estudantes estrangeiros	51
Tabela 5	relação de disciplinas ministradas em inglês	53
Tabela 6	resumo das recomendações	60
Tabela 7	resumo das informações relacionadas à presença da Língua Inglês e à internacionalização nos PPG	59

Lista de abreviaturas e siglas

AEI	Australian Education International
ANDIFES	Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.
CLC	Centro de Letras e Comunicação
CRInter	Coordenação de Relações Internacionais
EMI	English as a Medium of Instruction
FAUBAI	Associação Brasileira de Educação Internacional
IES	Instituição de Ensino Superior
IsF	Idiomas sem Fronteiras
MEC	Ministério da Educação
PPG	Programa de Pós-Graduação
PROGIC	Pró-Reitoria da Informação e Comunicação
PRPPGI	Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
UFPeI	Universidade Federal de Pelotas

Sumário

1	Introdução	12
1.1	Objetivo geral.....	15
1.2	Objetivos específicos	15
1.3	Justificativa	15
1.4	Estrutura do trabalho.....	17
2	Referencial teórico	18
2.1	Internacionalização do ensino superior.....	18
2.2	Globalização e o inglês como língua global	19
2.3	O EMI na internacionalização	22
2.4	A língua inglesa e a empregabilidade	25
3	Metodologia.....	30
3.1	Abordagem da pesquisa	30
3.2	Instrumentos para a coleta de informações	31
3.3	Estratégia de análise dos dados	33
4	Análise e discussão dos resultados	36
4.1	A UFPel.....	36
4.2	A Pós-Graduação.....	38
4.3	Análise da situação atual dos PPG	41
4.4	A avaliação do nível de Proficiência em Língua Inglesa	47
4.5	A necessidade do domínio da Língua Inglesa	47
4.6	Formação Global x Formação Regional.....	50
4.7	Estrangeiros nos PPG.....	51
4.8	A metodologia EMI nos PPG e as disciplinas em Inglês.....	53
4.9	Os desafios na implementação do EMI.....	55
4.10	O papel da universidade na proficiência em Língua Inglesa.....	57

5 Recomendações à UFPel.....	60
6 Considerações finais	64
Referências bibliográficas	67
Apêndices.....	73
Apêndice A - Roteiro de entrevista.....	74
Apêndice B – Relação de Documentos Analisados	75

1 Introdução

A primeira década do século XXI registrou um período de expressivo investimento por parte da gestão pública no âmbito da ampliação da internacionalização do ensino superior brasileiro. Programas promovidos pelo Ministério da Educação (MEC) nasceram com o intuito de ampliar os índices de engajamento internacional das instituições de graduação e pós-graduação (SECCHI, 2013). Tais iniciativas são reflexo de uma tendência já consolidada em países como Espanha, França e Portugal, que visam aumentar a atratividade dos estudantes internacionais por meio de novas abordagens de ensino (WACHTER; MAIWORM, 2014).

Em 2012, a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES, 2012) publicou um documento intitulado Programa de Expansão, Excelência e Internacionalização das Universidades Federais, com o objetivo de propor um plano de continuidade de uma política de expansão das universidades federais, no sentido de oferecer respostas acadêmicas, políticas e estratégicas aos desafios do século XXI. Embora já se observassem melhoras nas condições do ensino superior público federal, no país, ainda se faziam necessárias ações que impulsionassem a qualidade das instituições em busca da excelência e da internacionalização. As ações propostas no documento eram as seguintes:

- a) adequar academicamente a universidade, em seu aspecto qualitativo e quantitativo, às novas demandas e aos novos papéis e contextos globais advindos da sociedade do conhecimento;
- b) formar, estrategicamente, mão de obra qualificada para as necessidades sociais, econômicas e com padrões apropriados de sustentabilidade para o novo ciclo de crescimento e desenvolvimento nacional e mundial;
- c) produzir ciência, tecnologia e inovação para inserir o país, com soberania, na nova ordem mundial do conhecimento; e
- d) produzir e transmitir um conhecimento que promova a igualdade, a inclusão e auxilie na formação de cidadãos emancipados e portadores de conceitos éticos e humanitários.

Nessa busca pela excelência e pela expansão das universidades, Knight (2008), afirma que muitas das principais mudanças que estão moldando as

respostas e ações de internacionalização à globalização e, sobretudo, impactando o ensino superior, se relacionam com aspectos de internacionalização curricular, mobilidade acadêmica, programas de educação transfronteiriços, projetos de desenvolvimento internacional, trocas comerciais, desenvolvimento de pessoal e estudo de línguas adicionais.

Uma das estratégias de destaque para a capacitação em línguas estrangeiras na educação superior no âmbito da internacionalização é o EMI - *English as a Medium of Instruction* (Inglês como Meio de Instrução). De acordo com a definição estabelecida pelo British Council, o EMI é caracterizado como “o uso do Inglês para ministrar disciplinas acadêmicas em países ou jurisdições onde o idioma nativo da maioria da população não é o Inglês” (DEARDEN, 2014, p.04). Torna-se importante enfatizar a não distinção de áreas do conhecimento a serem ministradas por meio do EMI. O objetivo é, precisamente, globalizar o ensino, tornando-o acessível para discentes de todas as nacionalidades que possuam habilidades na língua inglesa (MADHAVAN; MCDONALD, 2014). Nesse sentido, o inglês surge como uma ferramenta e não como o objetivo da instrução.

O Brasil, seguindo o a tendência de países europeus que não falam o inglês como primeira língua, tem apresentado índices de crescimento em relação à oferta de componentes curriculares que se valem do EMI. Dowle (2018), em um levantamento feito pela Associação Brasileira de Educação Internacional – FAUBAI, em parceria com o British Council, identificou mais de mil cursos, disciplinas e atividades extracurriculares oferecidas em língua estrangeira em mais de 70 Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras de todas as regiões do país. Os resultados apresentam-se de forma expressiva. Em comparação ao mesmo levantamento realizado dois anos antes houve um crescimento de “[...] 671 cursos em 2016 para mais de 1.000 no primeiro semestre de 2018, com a perspectiva de mais 220 novos cursos a serem ofertados durante o segundo semestre de 2018 e 2019” (DOWLE, 2018, p.06).

Esse esforço em ampliar a oferta de disciplinas em inglês vem ao encontro da necessidade de qualificar os egressos das universidades para um mercado de trabalho globalizado. O Brasil mantém um baixo nível de proficiência em Língua Inglesa, ocupando a 53^a posição entre 80 países avaliados no levantamento feito pela *Education First* com a pontuação 50,83 de 80 pontos totais (EF, 2018).

Segundo o relatório da EF (2018), a maioria das economias é impulsionada pelo comércio, que representou 56% do PIB mundial em 2015, percentual bem acima dos 44% de 1995. O idioma mais comum necessário para essas transações globais é o inglês. Identifica-se uma forte correlação entre a proficiência em inglês e muitos indicadores relacionados à importação e à exportação, por exemplo.

O relatório ainda cita que a Rakuten, empresa japonesa de comércio eletrônico, iniciou a transição para o uso do inglês como idioma corporativo mundial em 2010. Atualmente, 80% dos novos engenheiros em seus escritórios de Tóquio não são japoneses, e a empresa passou de 200 milhões para 1,1 bilhão de usuários, expandindo-se para fora do mercado nacional japonês. As empresas Honda, Nissan, Renault, Siemens, Nestlé e Sodexo, além de muitas outras multinacionais sediadas em países que não falam inglês, também adotaram o inglês como idioma corporativo a fim de permanecerem competitivas (EF, 2018).

Uma pesquisa da *Australian Education International* (AEI, 2006a) na China constatou que mais da metade dos principais empregadores chineses entrevistou estudantes formados em outros países para cargos de gerência em vez de estudantes formados na China. Os empregadores citaram a melhor proficiência em inglês, a capacidade de se comunicar e estabelecer contatos com empresários estrangeiros e a criatividade dos graduados em outros países como principais razões para emprega-los. Pesquisa semelhante na Tailândia (AEI, 2006b) encontrou demanda crescente por parte de empresas multinacionais por graduados com formação internacional que falassem inglês, particularmente aqueles com qualificações de Pós-Graduação de países de língua inglesa.

Para Altan (2017), a globalização aumentou a importância econômica do conhecimento, e o domínio de línguas estrangeiras passou a ter grande valor no mercado de trabalho globalizado. Doiz, Lasagabaster e Sierra (2014) afirmam que a utilização da língua inglesa nas atividades acadêmicas dá às universidades a capacidade de atrair estrangeiros, possibilitando ao seu próprio grupo de pesquisadores a oportunidade de participar de uma comunidade científica internacional. Tomlinson (2012) atribui à universidade a missão de atender às necessidades econômicas do mercado globalizado, acadêmico ou de trabalho, equipando o estudante para o seu futuro emprego.

Nesse contexto, a presente pesquisa norteia-se pela seguinte problematização: como a universidade pode proporcionar aos estudantes de pós-

graduação da UFPel, do ponto de vista dos Coordenadores dos Programas de Pós-Graduação (PPG) de excelência internacional, a habilidade de comunicação em Língua Inglesa para o mercado global?

1.1 Objetivo geral

O objetivo geral deste trabalho foi analisar como a universidade pode proporcionar aos discentes de Pós-Graduação a habilidade de comunicação em Língua Inglesa para o mercado de trabalho global.

Os objetivos deste estudo referem-se aos Programas de Pós-Graduação conceito 6 e 7.

1.2 Objetivos específicos

Dentre os objetivos específicos, a investigação pretende:

- a. Verificar junto aos Coordenadores dos PPG se a Língua Inglesa é importante na Pós-Graduação;
- b. Identificar do ponto de vista dos Coordenadores dos PPG que ações a UFPel poderia realizar para melhorar o nível de conhecimento em Língua Inglesa dos seus estudantes de Pós-Graduação;
- c. Verificar se os Coordenadores dos PPG conhecem o EMI e se existem disciplinas ministradas em Língua Inglesa no seu respectivo PPG;

1.3 Justificativa

Em 2017 a Coordenação de Relações Internacionais (CRInter) da UFPel elaborou o documento que trata das Políticas para a Internacionalização da instituição e o Planejamento Estratégico para a Internacionalização (UFPEL, 2018). O documento aborda metas, objetivos e estratégias para elevar o nível de internacionalização que vão muito além da internacionalização promovida pelo envio de estudantes para o exterior para realização de mobilidade internacional.

Por meio dele é possível observar a importância que a instituição tem dado a estas políticas internas, implementando ações e práticas que atingem diretamente seu público acadêmico. A relevância da presente pesquisa se dá no sentido de somar-se a tal postura institucional, indicando a necessidade de proporcionar a seus

estudantes a oportunidade de acesso a ferramentas de internacionalização que os capacitem para o mercado de trabalho globalizado.

De acordo com Paige (2005):

Internacionalização significa criar um ambiente de caráter internacional - no ensino, na pesquisa, na extensão. Isso se traduz no sentido de expor os alunos, por exemplo, ao conhecimento sobre e de diferentes partes do mundo, além de prepará-los para se comunicar e trabalhar com pessoas de outras culturas e países (PAIGE, 2005, p.101).

A internacionalização não pode se restringir apenas ao público que tem disponibilidade de viajar a outros países para experimentar uma vivência internacional. Cabe à universidade promover o ambiente internacionalizado em suas atividades. Parte da importância de implementar políticas de internacionalização se dá no caráter de tornar a Universidade um ator que dialogue com as práticas advindas da globalização. Segundo Altbach (2009), a globalização no âmbito ensino superior está relacionada também “ao uso de uma linguagem comum para a comunicação científica” (ALTBACH, 2009, p. 65).

Pode-se observar que a comunicabilidade é um ponto importante para o sucesso da internacionalização. Além disso, comunicar-se em outro idioma pode ser fator diferencial para os estudantes egressos da universidade no momento de ingresso no mercado de trabalho.

Arkoudis *et al.* (2009), no relatório do Departamento de Educação, Emprego e Relações no Local de Trabalho do Governo australiano, examinou a influência da proficiência na Língua Inglesa nas relações de trabalho e nos resultados de emprego para estudantes internacionais que procuram trabalhar na Austrália. Para os recém-formados no exterior, a proficiência em Língua Inglesa (muitas vezes referida como “habilidades de comunicação” ou “comunicabilidade”) foi considerada o fator mais importante para ter um bom desempenho no local de trabalho, com alguns acreditando que suas chances de promoção ou progressão na carreira eram limitadas devido ao seu nível de proficiência em Língua Inglesa (ARKOUDIS *et al.*, 2009).

Outro relatório elaborado pela *Australian Education International* (AEI, 2010) levantou dados sobre os empregadores australianos. Na pesquisa foram identificados os principais atributos procurados na contratação de diplomados internacionais. Os atributos mais apontados foram: proficiência em Língua Inglesa,

habilidades efetivas de comunicação, capacidade de trabalhar em equipe e habilidades efetivas de resolução de problemas (AEI, 2010).

Considerando a relação entre a proficiência em Língua Inglesa e o mercado de trabalho global demonstrada nessa justificativa, optou-se pela pesquisa na temática apresentada por este trabalho, cujos resultados poderão ser utilizados para fomentar discussões que ajudem a estimular a criação de disciplinas e atividades curriculares transversais às várias áreas de ensino, pesquisa e extensão presentes na UFPel, utilizando a metodologia EMI como suporte na capacitação dos estudantes em Língua Inglesa, qualificando-os para o exercício da profissão após a diplomação.

1.4 Estrutura do trabalho

A investigação será apresentada em 6 capítulos, divididos de modo a explanar de forma clara e integrada os aspectos do trabalho.

No primeiro capítulo encontra-se a Introdução, no qual será abordada uma breve contextualização do tema. Nela também serão expostas as questões vinculadas ao objetivo geral, aos objetivos específicos e à justificativa da dissertação.

A seguir, no segundo capítulo, será abordado o Referencial Teórico, no qual serão explanados conceitos e os mesmos serão discutidos de modo a esclarecer ao leitor seus significados.

No terceiro capítulo será desenvolvida a Metodologia que foi utilizada como ferramenta para a presente pesquisa.

O quarto capítulo contará com a Análise dos dados obtidos durante a pesquisa.

Após, no quinto capítulo, serão apresentadas as recomendações à UFPel, no qual serão expostas as sugestões de ações possíveis de serem desenvolvidas na UFPel para capacitar os discentes de Pós-Graduação com a proficiência exigida pelo mercado de trabalho global.

Por fim, no sexto capítulo, serão feitas as considerações finais e as recomendações para pesquisas futuras.

2 Referencial teórico

No presente capítulo será abordado o Referencial Teórico, no qual serão explanados conceitos que serão discutidos de modo a esclarecer ao leitor seus significados e aplicações.

2.1 Internacionalização do ensino superior

A internacionalização do ensino superior vem tomando espaço dentre as pautas das universidades de maneira crescente. Isso se dá em razão da exigência de que as universidades repensem o seu papel diante da sociedade, como instituições que abrigam diferentes valores e opiniões e que destacam o caráter universal do conhecimento (ANTUNES; STALLIVIERI, 2017).

Primeiramente, contudo, é preciso compreender a que se refere o termo. Internacionalização é uma nomenclatura que passou a ter significação própria a partir da década de 1990 e início dos anos 2000. A descrição mais difundida é cunhada por Knight (2004), que a define como “o processo de integrar uma dimensão internacional e intercultural nas funções de ensino, pesquisa e extensão de uma instituição.” (KNIGHT, 2004, p.03). Complementando tal definição, De Wit (2005) enfatiza o papel das IES em responder às tendências da globalização, tornando o ambiente de ensino uma atmosfera receptiva a estas novas movimentações do sistema internacional, possibilitando a livre expressão de diferentes culturas e nacionalidades (DE WIT, 2005).

Ao observarmos as definições que norteiam a internacionalização, adentramos em uma compreensão mais ampla sobre o que ela significa. Assim, internacionalizar não configura um fim em si mesmo (KNIGHT, 2004). A significação desta proposição se dá no sentido de haver um envolvimento de todo o sistema, partindo de órgãos governamentais e instituições de fomento, até chegar à universidade. Este fenômeno é articulado de modo a responder demandas que possuem origem na globalização e que por sua vez afetam toda a estrutura de ensino. Ou seja, há forças que motivam e direcionam o caminho da internacionalização das IES. Essas forças motivadoras se caracterizam como os efeitos da globalização e somado a ela as forças direcionadoras se encontram no

governo que estabelece as diretrizes e prioridades da internacionalização de acordo com os interesses do Estado (LAUS; MOROSINI, 2005).

Desta maneira, uma vez estabelecidos os norteadores da internacionalização, cabe à IES assumir sua responsabilidade como implementadora no seu ambiente. De acordo com Gacel-Ávila (1999),

tal processo deve fazer parte integral dos planos de desenvolvimento, planejamento estratégico e políticas gerais das instituições de educação superior. Deve ser uma estratégia de mudança institucional que origine o desenvolvimento de uma nova cultura onde se valorem os enfoques internacionais, interculturais e interdisciplinares (GACEL-ÁVILA, 1999, p. 38).

Ou seja, há um dever de ação ordenada. A internacionalização é gerada a partir de fatores que advém do sistema internacional. Contudo, sua implementação deve ser feita de modo ordenado e sistêmico. Ratifica-se aqui a postulação de Knight (2004) de que ela não é um fim em si mesmo, mas sim, um movimento que demanda articulação e planejamento.

2.2 Globalização e o inglês como língua global

A globalização reformulou a maneira como vivemos e interagimos, tornando o mundo um lugar aparentemente muito menor. Não somos mais apenas cidadãos nacionais, mas também cidadãos globais. Devemos tomar as medidas necessárias para preparar as próximas gerações para essa realidade (ALTAN, 2017).

A globalização aumentou a importância econômica do conhecimento e, como resultado, a educação se tornou a chave para os países se beneficiarem da globalização. Indivíduos com habilidades como domínio de línguas estrangeiras têm maior probabilidade de serem demandados por setores e serviços conectados à economia internacional (ALTAN, 2017).

Em decorrência da globalização, surgiu no início dos anos 2000 uma preocupação por parte das instituições de ensino superior no sentido de acompanhar as tendências da internacionalização. Compreende-se que se o conhecimento é fundamental para a globalização, a globalização tem um profundo impacto na transmissão do conhecimento; educação precisa evoluir e crescer para atender às necessidades de nossa sociedade (ALTAN, 2017). Essa “evolução” é visível nas universidades e pode ser comprovada pelo aumento das ofertas voltadas para estudantes internacionais, tanto por meio da venda de cursos, como com a

criação de disciplinas, atividades de pesquisa e extensão adaptadas para esse público (WELP; FONTES; SARMENTO, 2016).

Knight (2008) chama a atenção para as implicações da globalização na internacionalização do ensino superior. As mudanças e os desafios surgem rapidamente à medida não só que a globalização impacta a educação, mas também à medida que a internacionalização se torna um agente de mudança. Para a autora, a globalização é o aspecto mais expressivo desse cenário, pois exerce influência em elaboradores de políticas, acadêmicos e profissionais de todas as áreas. A educação, nesse contexto, se apresenta como uma área crítica de debate e investigação por se configurar tanto como agente quanto como reagente da globalização.

Contudo, a autora faz uma distinção entre globalização e internacionalização, esclarecendo que “a primeira se refere a fronteiras de países e infere alcance mundial e movimento, enquanto a segunda enfatiza as relações entre as nações” (KNIGHT, 2008, p. 4-5)

Para Altbach (2004), a globalização é definida como as amplas tendências econômicas, tecnológicas e científicas que afetam diretamente e de forma inevitável o ensino superior. A história mostra que, quando as universidades se desligam dessas tendências, elas se tornam irrelevantes. Tanto no discurso político quanto no acadêmico, a globalização como conceito e realidade tornou-se um fenômeno universalmente aceito. Outra realidade incontestável é o domínio da língua inglesa (ALTAN, 2017).

Altbach (2009) afirma que as universidades sempre foram afetadas pelas tendências internacionais e, até certo ponto, foram operadas dentro de uma comunidade internacional mais ampla de instituições acadêmicas e de pesquisadores. No entanto, as realidades do século XXI ampliaram a importância do contexto global. A ascensão do inglês como a língua dominante da comunicação científica é sem precedentes desde que o latim dominou a academia na Europa medieval. As tecnologias de informação e comunicação criaram um meio universal de contato instantâneo e comunicação científica simplificada. Ao mesmo tempo, essas mudanças ajudaram a concentrar a propriedade de editores, bancos de dados e outros recursos importantes nas mãos das universidades mais fortes e de algumas empresas multinacionais, localizadas quase exclusivamente nos países desenvolvidos.

O inglês é o latim do século XXI. Para Crystal (1997), o uso do inglês é fundamental para a comunicação do conhecimento em todo o mundo e afirma que “um idioma alcança um status genuinamente global quando desenvolve um papel especial que é reconhecido em todos os países” (CRYSTAL, 1997, p. 2). Segundo Altbach (2004), o inglês é a língua de publicação da maioria dos periódicos científicos divulgados internacionalmente. Universidades em muitos países enfatizam a importância de publicação de seus professores em revistas de circulação internacional, considerando a importâncias dessas publicações para os *rankings* internacionais.

A Língua Inglesa é a principal língua de instrução em muitos dos sistemas acadêmicos mais proeminentes - incluindo os dos EUA, Reino Unido, Austrália, Canadá e Nova Zelândia. Cingapura, Etiópia e grande parte da África anglófona também usam o inglês como a principal língua de instrução. Outros países estão oferecendo cada vez mais programas acadêmicos em inglês para atrair estudantes internacionais que não querem aprender o idioma local e para melhorar as habilidades de inglês dos estudantes domésticos e assim capacitá-los a trabalhar em uma arena internacional (ALTBACH, 2004).

O autor afirma ainda que o papel do inglês afeta a política de ensino superior. De muitas maneiras, o lugar do inglês no auge da comunicação científica dá uma vantagem significativa aos Estados Unidos, ao Reino Unido e aos outros países ricos de língua inglesa. Como o país com o maior sistema acadêmico do mundo e o mais importante usuário de inglês, os Estados Unidos têm vantagens em comparação a outros países. Por exemplo, muitos periódicos científicos são editados nos Estados Unidos. Isso dá uma vantagem aos autores americanos - eles não apenas escrevem em sua língua materna, mas o sistema de revisão por pares é dominado por pessoas acostumadas à linguagem e à metodologia dos estudiosos americanos. Outros devem se comunicar em um idioma estrangeiro e obedecer a normas acadêmicas às quais não estão acostumados (ALTBACH, 2004).

Em países que não falam o inglês os acadêmicos são pressionados a publicar em revistas de circulação internacional - o sentido é que a publicação nos “melhores” periódicos científicos é uma validação necessária do trabalho acadêmico. Cada vez mais as reuniões científicas internacionais e regionais são exclusivamente em inglês, novamente valorizando a fluência no idioma (ALTBACH, 2004).

Nesse sentido, os países de línguas menos influentes estão sendo tentados a mudar o meio de instrução em suas universidades para o inglês para não se tornarem irrelevantes, já que esta é a língua acadêmica predominante do período atual. A língua inglesa e a globalização se espalharam e continuam se espalhando de mãos dadas em todo o mundo. De fato, ter uma linguagem global ajudou a globalização e a globalização consolidou a linguagem global (ALTAN, 2017).

As definições sobre globalização compartilham que ela tem o poder de criar um mundo sem fronteiras, onde as pessoas se comunicam e fazem negócios com a ajuda das tecnologias da informação e comunicação, e o a língua que permeia essas ações é a Língua Inglesa. Portanto, “se a globalização é o novo imperialismo, o inglês é o idioma dele” (ALTAN, 2017, p. 766)

2.3 O EMI na internacionalização

Como resultado da intensa presença da internacionalização nos planos de ação das IES, tornou-se necessário estabelecer estratégias de implementação que gerassem resultados. Desta maneira, como parte dos incentivos de internacionalização surgem diversas vias de ação. Nesta subseção iremos abordar a estratégia do *English as a Medium of Instruction* (EMI).

De acordo Dearden (2014), o EMI se caracteriza como uma ferramenta de ensino que possui potencial catalisador para os níveis de internacionalização. Tal instrumento utiliza o Inglês como meio de comunicação para a passagem de conhecimento, sem que o objetivo seja o ensino da língua. É importante enfatizar que os países nos quais o EMI é utilizado não possuem o Inglês como idioma natal

A movimentação de investimentos em EMI teve sua gênese na Europa e em seus países foram realizados os primeiros experimentos para verificação do sucesso de tal iniciativa. Wächter e Maiworm (2014) realizaram um apanhado amplo das experiências vivenciadas no continente europeu e a partir de tal observação puderam pontuar os principais motivadores da criação de cursos em inglês. Desta forma, foi possível identificar que as instituições que fizeram uso de tal ferramenta de ensino tinham por ambição: atrair estudantes estrangeiros, preparar os alunos para a mobilidade e para um mercado de trabalho globalizado e elevar o perfil e a posição da Universidade em *rankings* (WÄCHTER; MAIWORM, 2014). Nota-se a sincronia com os objetivos dos projetos de internacionalização do ensino superior.

Contudo, como toda nova proposta, o EMI também apresenta desafios. De acordo com Tsuneyoshi (2005), há três grandes obstáculos com os quais a gestão de uma instituição deve ser capaz de lidar: o desafio linguístico, o desafio cultural e o desafio estrutural. Mais tarde, Bradford (2016), adicionou um quarto desafio: o desafio identitário (institucional).

No que diz respeito ao desafio linguístico, há neste âmbito a preocupação com a proficiência dos docentes e dos discentes, uma vez que a compreensão do tema ministrado em aula deve ser atingida assim como é no idioma natal do aluno (BRADFORD, 2016).

Somado a ele, o segundo desafio aborda o caráter cultural. Nele se vê questões vinculadas a tradições e posturas específicas de cada país. Como exemplo, Bradford (2016) cita a metodologia de ensino asiática, que não prevê grande interação entre professor e alunos dentro de sala de aula. Dinâmica esta que é contrária ao método de ensino europeu, que utiliza maior diálogo nas classes. Ademais, Martinez (2016) aborda a questão relativa a uma inquietação a respeito do choque que pode ser gerado pelo ensino por meio do EMI. De acordo com o autor,

Esse tipo de apreensão cultural em torno do EMI e uma concomitante percepção de superioridade da instrução em Inglês - em detrimento das línguas locais - ecoou em vários relatórios de todo o mundo e parece ocorrer particularmente em países que experimentaram subjugação prévia de línguas 'minoritárias' (MARTINEZ, 2016, p.194-195).

Em outras palavras, Martinez (2016) traz ao debate a questão relativa a uma impressão de "colonialidade" dentro do mérito educacional.

O terceiro desafio é estrutural. Ou seja, encontra-se dificuldade em estabelecer uma estrutura institucional que comporte a oferta de um curso totalmente ministrado em Inglês. Nesse sentido, há a adversidade de construir um corpo docente que esteja disposto a lecionar em inglês. De acordo com Martinez (2016), existem professores com a devida proficiência da língua, mas que não sentem que possuem a devida capacitação para lecionar utilizando a técnica de EMI. Para superar isso seria necessário a IES capacitar e oferecer o devido suporte para tais docentes.

Por fim, o quarto desafio proposto por Bradford (2016) diz respeito ao mérito identitário (institucional). Neste quesito o autor aborda a questão da preocupação que as IES possuem sobre como são vistas pelo restante do mundo. Uma universidade não é considerada internacionalizada por se autodeclarar como tal,

mas sim pela reputação criada a partir de seu posicionamento em *rankings* internacionais, sua participação em pesquisas que envolvem colaboração com outros países, seu número de convênios internacionais e assim por diante (DE WIT; HUNTER, 2015). Nesse âmbito, é importante que exista a compreensão de que o EMI por si só não é capaz de promover a internacionalização de uma IES. Ele é, contudo, uma ferramenta potencializadora. Assim, para superar o desafio identitário é necessário que exista um planejamento estratégico bem delineado a respeito dos objetivos e ações da IES no que diz respeito a sua postura internacional.

O inglês é geralmente associado à globalização porque abrangeu todas as esferas da vida, começando pela internet e pela tecnologia e terminando com a mídia e o mercado (CHO, 2012). Hoje os governos estão promovendo o domínio do inglês entre a população porque ele é percebido como economicamente benéfico para todo o país (ALI, 2013). Essas ideias são apoiadas por Jambor (2012), que afirma que é importante conhecer o inglês para estar exposto a um mundo global e estar pronto para responder rapidamente às demandas da realidade.

Sendo também afetadas pelas tendências globais, as IES não permaneceram imunes às mudanças. Esforçando-se para serem competitivas no mercado educacional, universidades em todo o mundo estão adotando o inglês como língua franca (HU; ALSAGOFF, 2010). De fato, é precisamente a globalização das universidades que se tornou um dos principais impulsionadores do inglês global (DOIZ; LASAGABASTER; SIERRA, 2014). Este processo em resposta à globalização causou extensos debates dentro da sociedade educacional e teve um enorme impacto sobre as recentes mudanças na educação (BAKER; HÜTTNER, 2016).

A necessidade de adotar o EMI nas universidades é justificada por uma série de razões. A internacionalização do ensino é a principal força motriz da disseminação do EMI e da sua implementação nas IES. A internacionalização é vista por muitas universidades como o caminho para competir em uma arena global, fornecendo uma educação de classe mundial. Ali (2013) apoia essa ideia afirmando que “o EMI no nível terciário é usado como uma ferramenta para internacionalizar a educação, tendo em vista seu potencial como fonte de desenvolvimento econômico e prosperidade” (ALI, 2013, p. 74).

Outra razão importante para o uso do EMI é o crescente desejo das universidades em atrair estudantes internacionais (COSTA; COLEMAN, 2013; DOIZ;

LASAGABASTER; SIERRA, 2014; HU, 2014; YEH, 2014). Ao ministrar cursos e disciplinas em inglês, uma instituição tem a capacidade de atrair estudantes, professores e pesquisadores estrangeiros, oferecendo aos seus próprios alunos e professores a oportunidade de participar de uma comunidade internacional de pesquisa onde grande parte da produção científica é publicada em inglês (DOIZ; LASAGABASTER; SIERRA, 2014).

Além disso, em muitos países a metodologia é percebida como a forma de preparar os estudantes para um mercado de trabalho global e de aumentar a empregabilidade dos graduados (CHO, 2012; COSTA; COLEMAN, 2013; DOIZ; LASAGABASTER; SIERRA, 2014; LI; LEI, 2014; YEH, 2014). De acordo com Cho (2012), em alguns países, a técnica de EMI é vista como acadêmica e economicamente benéfica, pois fornece um ambiente de aprendizado em inglês que pode ajudar os futuros graduados a adquirir um alto nível de proficiência no idioma e, portanto, obter melhores empregos no futuro. Como o inglês se tornou a língua da comunicação internacional, assim como da ciência e da tecnologia, também alcançou o status de linguagem do mercado de trabalho global (HERNANDEZ-NANCLARES; JIMENEZ-MUNOZ, 2017). De fato, a maioria das empresas internacionais opera por meio do idioma inglês e o alto domínio de conhecimento nesta língua acabou sendo requisito básico para candidatos em potencial (ERLING, 2015).

Não menos importante, o EMI oferece uma oportunidade para os estudantes locais terem uma experiência semelhante a de estudar no exterior. Isso significa que os estudantes não necessariamente precisam sair do país para obter educação internacional, mas podem adquirir essa experiência “em casa”. Por meio do inglês e do seu uso regular em sala de aula, eles podem aprender as informações necessárias sobre seu campo de conhecimento e, assim, preparar-se para o futuro local de trabalho (CORRALES; PABA REY; SANTIAGO ESCAMILLA, 2016).

2.4 A língua inglesa e a empregabilidade

Universidades de países cuja língua materna não é a Língua Inglesa estão se adaptando para ampliar a oferta de cursos universitários ministrados em inglês. De acordo com Dearden (2014), países como a Holanda e a Alemanha, onde grande parcela dos residentes fala inglês, estão realizando reformas na organização das

universidades e chegam a ter a integralidade dos cursos ministrados em Língua Inglesa. Um dos benefícios dessa prática é criar oportunidades de emprego mais amplas para seus egressos pelo aumento da proficiência em Língua Inglesa dos estudantes, já que essa habilidade aumenta o potencial de uma pessoa obter emprego e poder aquisitivo (ERLING, 2015). Desde que o inglês se tornou uma língua internacional, assim como a linguagem da ciência e da tecnologia, o domínio do idioma possibilita mais oportunidades para um melhor emprego (ISLAM, 2013; ERLING, 2015).

Uma das definições mais conhecidas atribuídas à empregabilidade pertence à Yorke (2006), que afirmou que este conceito se refere a “um conjunto de conquistas, habilidades, entendimentos e atributos pessoais, que tornam os graduados mais propensos a obter emprego e serem bem-sucedidos em suas ocupações” (YORKE, 2006, p. 08).

Nesse contexto, as universidades precisam ser responsáveis por proporcionar aos estudantes competências de empregabilidade que os ajudem a ter sucesso nas suas futuras carreiras, preparando-os com conhecimento global suficiente para responder às demandas do mercado de trabalho atual. O papel da universidade é descrito como significativamente importante, uma vez que contribui para atender às necessidades econômicas das organizações, efetivamente equipando o estudante para o seu futuro emprego (TOMLINSON, 2012). Boden e Nedeva (2010) acrescentam que “nesse aspecto, um papel importante das universidades é a produção de uma força de trabalho adequadamente treinada que atenda às necessidades dos empregadores” (BODEN; NEDEVA, 2010, p. 38).

Do ponto de vista global, sendo também influenciadas pela internacionalização, as universidades precisam formar futuros cidadãos globais capacitados para o mercado de trabalho global (JONES, 2013). Há uma série de habilidades que são relevantes para a empregabilidade. Em geral, elas compreendem um grande número de aptidões diferentes, incluindo:

leitura, aritmética básica e outras habilidades básicas; resolução de problemas, tomada de decisão e outras habilidades de pensamento de ordem superior; e confiabilidade, atitude positiva, cooperatividade e outras habilidades e traços afetivos (COTTON, 2001, p. 1).

Todas essas habilidades bem como aquelas destacadas por Niemella (2016), tais como a capacidade de pensamento crítico, síntese e análise são muito

importantes para um potencial candidato e são altamente desejadas pelos empregadores.

Habilidades de comunicação também são frequentemente esperadas de um bom funcionário e são atributos cruciais para todos os graduados (AEI, 2010). Essas habilidades são altamente valorizadas, especialmente na esfera dos negócios, uma vez que demonstram a capacidade do trabalhador de se expressar de forma precisa e explícita, bem como encontrar um interesse comum com todos. Além disso, ao lado da comunicação, os empregadores buscam os candidatos com alto nível de confiança (NIEMELLA, 2016).

Como resultado das mudanças relacionadas à globalização, Fielden (2007) afirma que “os empregadores multinacionais agora buscam graduados com uma ampla gama de habilidades para a vida que incluem a conscientização de outras culturas e o domínio de mais de um idioma” (FIELDEN, 2007, p. 26). Wijewardene, Yong e Chinna (2014) apoiam essa ideia, enfatizando a importância de um graduado ter um bom domínio do inglês no contexto de outras habilidades de empregabilidade.

Possuir um alto nível de proficiência em inglês é um atributo importante para a empregabilidade dos graduados (AEI, 2010). Uma alta competência e fluência em inglês se tornou um instrumento que melhora o desenvolvimento individual e global (WIJEWARDENE; YONG; CHINNA, 2014; ERLING, 2015). De acordo com Erling (2015), aqueles que possuem um bom domínio do inglês são “propensos a ganhar mais, e os países que investiram significativamente na educação da língua inglesa também devem experimentar um benefício disso em suas economias” (ERLING, 2015, p. 64).

Assim, a fim de aumentar suas oportunidades de obter um emprego melhor no futuro, é muito importante que os universitários sejam altamente proficientes em inglês. Essas oportunidades também podem ser aumentadas por suas habilidades de interagir com pessoas estrangeiras, comunicar-se via internet, ter uma visão global e ampliada do mundo etc. (WIJEWARDENE; YONG; CHINNA, 2014).

Arkoudis *et al.* (2009), no relatório do governo australiano, reuniu dados de diplomados australianos e diplomados internacionais (estudantes que concluíram a educação superior em outros países). Os participantes foram convidados a selecionar as três habilidades mais importantes que eles pensavam que os empregadores australianos procuravam (ARKOUDIS *et al.*, 2009). As seis habilidades mais comuns são mostradas na Tabela 1.

Tabela 1 – habilidades procuradas por empregadores australianos na visão dos estudantes

Habilidades	Diplomados nacionais	Diplomados internacionais
Comunicação eficaz	72%	64%
Trabalho em grupo	51%	43%
Conhecimento profissional específico	49%	46%
Experiência de trabalho	44%	44%
Resolução de problemas	24%	24%
Proficiência em Língua Inglesa	5%	19%

Fonte: adaptado de ARKOUDIS *et al.*, 2009.

De acordo com a análise de Arkoudis *et al.* (2009), a Tabela 1 mostra que os diplomados nacionais e internacionais tinham visões semelhantes sobre os tipos de habilidades que os empregadores australianos procuravam. As habilidades efetivas de comunicação foram mais comumente mencionadas pelos entrevistados, seguidas pela capacidade de trabalhar em equipe e pelo conhecimento, habilidades e experiência profissional. Uma parcela pequena dos entrevistados acredita que a proficiência em Língua Inglesa é relevante para os empregadores, mesmo entre os diplomados internacionais (ARKOUDIS *et al.*, 2009).

No entanto, no relatório da *Australian Education International* (AEI, 2010), na perspectiva dos empregadores australianos, existe insatisfação com as habilidades de comunicação e padrões de inglês escrito e falado dos diplomados internacionais. Os empregadores foram solicitados a nomear as áreas que precisavam de mais ênfase no período de formação acadêmica dos candidatos. As áreas mais citadas foram: habilidades específicas na área, habilidades de comunicação e proficiência em Língua Inglesa (AEI, 2010). Uma comparação entre os dois estudos mostra incompatibilidade entre o que os dois grupos pensavam a respeito da proficiência em Língua Inglesa.

De acordo com a AEI (2010), o desenvolvimento da proficiência em Língua Inglesa durante o período de formação acadêmica dos estrangeiros não-falantes do idioma é importante, pois há claras expectativas do empregador quanto aos níveis mínimos dessa habilidade exigidos pelo mercado de trabalho australiano. Os diplomados internacionais com baixo nível de produção oral em Língua Inglesa são particularmente prejudicados no processo de recrutamento, com o sotaque sendo considerado um problema por muitos dos entrevistados. Se os graduados

internacionais não atingirem níveis mínimos de proficiência em Língua Inglesa, é improvável que sejam empregados em seu campo de estudo.

Arkoudis *et al.* (2009) constatou que os diplomados internacionais não sentiam que a proficiência em Língua Inglesa era crucial no momento da contratação em seu campo de estudo, no entanto, verificou que essa habilidade seria essencial para a promoção a posições mais elevadas dentro das empresas. Essa percepção foi confirmada pelos empregadores australianos entrevistados no estudo da AEI (2010), que atribuíram a estagnação na carreira à baixa proficiência em Língua Inglesa.

Ao final do relatório, a AEI (2010) faz algumas recomendações aos diplomados internacionais, como procurar oportunidades para desenvolver suas habilidades de comunicação e de proficiência em Língua Inglesa durante a formação universitária, dada a importância atribuída a essas áreas pelos empregadores.

A empregabilidade inclui um conjunto de várias aptidões e habilidades que garantem a transição dos formandos da universidade para o mercado de trabalho global. Entre todas as habilidades apresentadas, a proficiência em inglês desempenha um papel de maior importância na avaliação da preparação dos estudantes para um melhor emprego futuro (WIJEWARDENE; YONG; CHINNA, 2014).

A fim de aprofundar os conhecimentos nesse tema, será proposto um estudo de caso. O desenho da pesquisa e os procedimentos metodológicos serão apresentados no Capítulo 3.

3 Metodologia

O presente capítulo irá detalhar a metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa. Assim, será apresentada a abordagem da pesquisa, o instrumento para a coleta de informações e a estratégia de análise dos dados.

3.1 Abordagem da pesquisa

Para Marconi e Lakatos (2003), a pesquisa é “um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 155). Além disso, pesquisa é um procedimento metodológico, analítico e reflexivo, que busca, de forma sistemática e crítica, descobrir novos fatos ou dados, independente do campo do conhecimento, com o objetivo de alcançar as possíveis respostas aos problemas, utilizando-se, para tanto, dos instrumentos técnicos, metodológicos e científicos (MARCONI; LAKATOS, 2003).

Quanto à abordagem do problema, esta pesquisa é qualitativa. De acordo com Godoy (1995),

A pesquisa qualitativa não procura enumerar e/ ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo (GODOY, 1995, p.58).

A abordagem qualitativa foi escolhida por possibilitar a identificação, a descrição, a compreensão e a disseminação de processos de aprendizagem. Os métodos qualitativos de pesquisa permitem o preenchimento da lacuna entre decisões iniciais e resultados obtidos com descrições sobre comportamentos, ações, valores, crenças, processos e contextos organizacionais. Assim, ao desvelar os elos entre decisões, ações e resultados – elementos que não seguem necessariamente um fluxo retilíneo, a aplicação de métodos qualitativos cria possibilidades para explicações causais, isto é, capazes de descrever vinculações concretas e

pormenorizadas entre causas e efeitos (processos, mecanismos etc.), e não apenas associações ou correlações entre variáveis (DE SA E SILVA; LOPEZ; PIRES, 2010).

O enfoque qualitativo também se justifica, segundo Minayo (2013), em razão de que a análise por essa abordagem visa explorar um nível de realidade difícil de ser quantificado. Gerhardt e Silveira (2009) afirmam que na pesquisa qualitativa não se buscam resultados com representatividade numérica, mas a razão das coisas, sem quantificar valores e se valendo de dados não métricos.

Quanto ao método esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso, pois considera o contexto da UFPel para a investigação. De acordo com Yin (2001):

Um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos (YIN, 2001, p.32)

Esta pesquisa também se caracteriza como pesquisa participante, que de acordo com Grossi (1981) se trata de “um processo de pesquisa no qual a comunidade participa na análise de sua própria realidade, com vistas a promover uma transformação social em benefício dos participantes” (GROSSI, 1981, p. 101). Ou seja, o pesquisador mergulha no seu cenário de análise, do qual também é parte. Esta pesquisa é conduzida por uma servidora que está lotada na Coordenação de Relações Internacionais da UFPel e que trabalha na promoção da internacionalização na universidade. Faz parte das atividades executadas pela servidora o estudo do tema, a atualização constante acerca da internacionalização do ensino superior no contexto local e global, além da criação e da implementação de estratégias que beneficiem a universidade nesse aspecto.

Ainda, tem um enfoque descritivo, cuja finalidade é fundamentada pela descrição, registro, análise e interpretação dos dados, sem sua manipulação (MARCONI; LAKATOS, 2010).

3.2 Instrumentos para a coleta de informações

Inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica que delineou o referencial teórico apresentado no Capítulo 2. De acordo com Marconi e Lakatos (2003), a pesquisa bibliográfica:

Abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão.

Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 183).

O levantamento bibliográfico presente neste trabalho foi feito em parte no Portal de Periódicos CAPES/MEC, com termos de busca relacionados a “EMI”, “*internationalization*”, “*globalizatiopn*”, “*higher education*” e “*employability*”. Também foram utilizados os dados disponíveis na Plataforma Sucupira, onde se encontram os Documentos de Área dos Programas de Pós-Graduação investigados e as Fichas de Avaliação Quadrienal dos cursos.

A coleta de dados institucionais também foi considerada nesta pesquisa, além da pesquisa em demais referências bibliográficas. A coleta de dados compreende as fontes primárias, como as normas, estatutos e regimentos da universidade, documentos apresentados pelos gestores entrevistados (BEUREN; SOUZA, 2007). Foram acessados documentos internos e e-mails da Coordenação de Relações Internacionais da UFPel, bem como documentos disponíveis no Portal Institucional da UFPel e nos sites dos PPG analisados. Essa análise teve por finalidade encontrar informações acerca da exigência de proficiência em línguas estrangeiras na Pós-Graduação, das políticas e diretrizes de internacionalização da UFPel e da presença de estrangeiros na instituição.

Em um segundo momento foi elaborado o roteiro das entrevistas com 14 questões semiestruturadas baseado nos objetivos específicos deste estudo. De acordo com Marconi e Lakatos (2003) entrevista define-se como um encontro entre entrevistador e entrevistado, com a finalidade de obtenção de informações a respeito de um assunto determinado, mediante conversa de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social para a coleta de dados.

O roteiro foi testado em uma entrevista piloto. Foi realizada uma entrevista com o Coordenador de Relações Internacionais da UFPel para identificar se as perguntas estavam bem formuladas e se as respostas entregariam o conteúdo necessário para a análise. As perguntas ambíguas tiveram a redação corrigida, duas perguntas foram sintetizadas, eliminando uma pergunta do roteiro original e foi incluída uma questão sobre formação global e formação regional por sugestão do entrevistado.

Após a confirmação do roteiro, as entrevistas foram realizadas com os Coordenadores dos Programas de Pós-Graduação em Biotecnologia, em

Odontologia e em Fitossanidade, e com o Coordenador-Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia. Duas das entrevistas foram realizadas na Coordenação de Relações Internacionais e duas foram realizadas por telefone, em razão da indisponibilidade de horário dos entrevistados. A escolha dos entrevistados se deu em razão da avaliação da CAPES, que atribui conceito 6 e 7 apenas a cursos com desempenho equivalente ao alto padrão internacional (CAPES, 2018). O processo de coleta dos dados junto aos entrevistados ocorreu entre julho e agosto de 2019. As entrevistas foram gravadas e transcritas. O roteiro da entrevista encontra-se no Apêndice A.

3.3 Estratégia de análise dos dados

Após a realização das entrevistas e a transcrição das respostas, foi feita a análise das informações com base nos objetivos iniciais dessa pesquisa. As informações foram relacionadas ao referencial teórico apresentado no Capítulo 2. O tratamento dos resultados foi realizado através da interpretação do conteúdo dos materiais analisados e das entrevistas realizadas. De acordo com Triviños (1987) a

Análise interpretativa apoiar-se-á em três aspectos fundamentais: a. nos resultados alcançados no estudo (respostas aos instrumentos, ideias dos documentos, etc.); b. na fundamentação teórica (manejo dos conceitos-chaves das teorias e de outros pontos de vista); c. na experiência pessoal do investigador (TRIVIÑOS, 1987, p. 173).

Para Gil (2008), após a coleta de dados:

A fase seguinte da pesquisa é a de análise e interpretação. Estes dois processos, apesar de conceitualmente distintos, aparecem sempre estreitamente relacionados. A análise tem como objetivo organizar e resumir os dados de forma que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para a investigação. Já a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos (GIL, ano, p. 156).

Gil (2008) afirma que os processos de análise e interpretação variam em função do plano de pesquisa. Nos delineamentos experimentais e nos levantamentos é simples ordenar os passos a serem seguidos, enquanto nos estudos de caso não se pode falar num esquema rígido de análise e interpretação.

Segundo Tesch (1990), há um conjunto de princípios e práticas orientadores da análise qualitativa. Para o autor, a análise não é a última fase do processo de pesquisa; o processo de análise é sistemático e compreensivo, mas não rígido; o acompanhamento dos dados inclui uma atividade reflexiva que resulta num conjunto

de notas de análise; os dados são divididos em unidades relevantes e significativas; os seguimentos de dados são categorizados de acordo com um sistema predominantemente derivado dos próprios dados; a principal ferramenta intelectual é a comparação; as categorias para escolha dos seguimentos são preliminares e flexíveis; a manipulação qualitativa dos dados durante a análise é uma atividade eclética; os procedimentos não são mecanicistas; e o resultado da análise é uma síntese em mais alto nível.

Para se estabelecer categorias, pode-se selecionar uma amostra das respostas obtidas e a partir daí construir a classificação (GIL, 2008). As categorias de análise definidas, segundo as quais são apresentadas as discussões nesta pesquisa, são: a) análise da situação atual dos PPG; b) como é aferido o nível de proficiência em Língua Inglesa; c) a necessidade do domínio da Língua Inglesa; d) formação global e formação regional; e) a presença de estrangeiros nos Programas de Pós-Graduação; f) a metodologia EMI nos Programas de Pós-Graduação e as disciplinas em Inglês; g) os desafios na implementação do EMI; e h) o papel da universidade na proficiência em Língua Inglesa.

Para interpretar os resultados, o pesquisador precisa ir além da leitura dos dados e integrá-los ao universo dos fundamentos teóricos da pesquisa e dos conhecimentos já acumulados em torno das questões abordadas. A bagagem de informações é que auxilia na análise e na interpretação para conferir significado aos dados (GIL, 2008).

Para Gibbs (2009), ao se obter mais de uma visão sobre um tema, baseadas em amostras e conjuntos de dados, investigadores e metodologias e teorias de pesquisa, pode-se obter uma visão “mais” precisa utilizando-se a triangulação (GIBBS, 2009, p. 120). A triangulação envolve o uso de fontes de informação variadas e distintas e, junto com a verificação de transcrições e/ou análise com os participantes, pode sugerir novas interpretações. A triangulação significa olhar para o mesmo fenômeno, ou questão de pesquisa, a partir de mais de uma fonte de dados. Informações advindas de diferentes ângulos podem ser usadas para corroborar, elaborar ou iluminar o problema de pesquisa (DECROP, 2004).

O desenho desta pesquisa pode ser compreendido conforme o esquema apresentado na Figura 1.

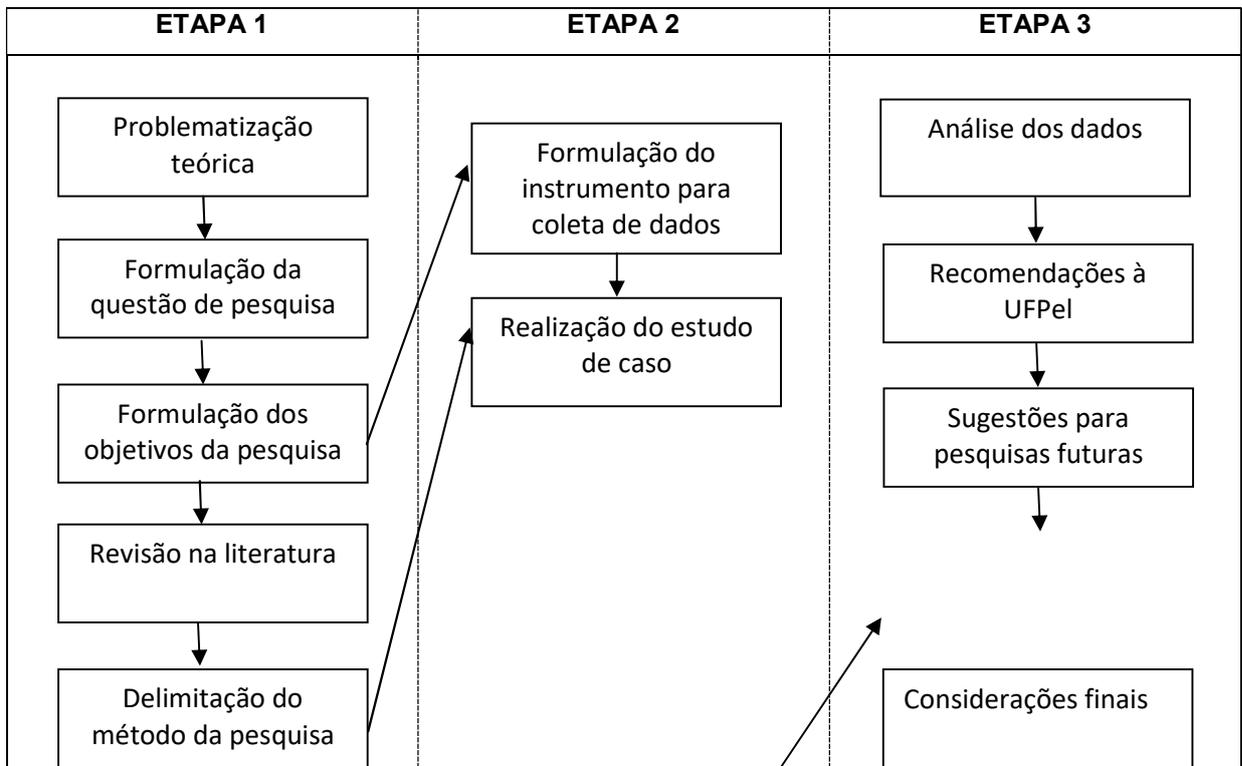


Figura 1 – desenho da pesquisa.

Na Figura 1 temos que a primeira etapa da pesquisa compreende a problematização teórica, que dá origem à questão de pesquisa. Logo após, são formulados os objetivos do estudo que apresentam a ideia central do trabalho e a finalidade da investigação. Dá-se início à revisão literária, que será base para a análise dos dados. Também é nessa etapa que se delimita o método da pesquisa. Após, na segunda etapa, é feita a formulação do instrumento para a coleta dos dados, considerando também os objetivos a serem alcançados, e é realizado o estudo de caso, orientado pelo método estabelecido. Na terceira etapa, é feita a análise dos dados coletados. Com base nos resultados, são apresentadas as recomendações à UFPel. Por fim, são feitas as sugestões para pesquisas futuras e as considerações finais.

No próximo capítulo serão apresentadas as análises e discussões a partir das entrevistas realizadas.

4 Análise e discussão dos resultados

Esse Capítulo trata da análise interpretativa dos dados coletados por meio das entrevistas realizadas com os Coordenadores dos Programas de Pós-Graduação conceito 6 e 7 da UFPel e das Fichas de Avaliação da CAPES dos referidos PPG, com base no Referencial Teórico apresentado no Capítulo 2.

4.1 A UFPel

Para fins de contextualização, cabe citar que a UFPel está localizada na cidade de Pelotas, a 250 km ao sul de Porto Alegre, 144 km da fronteira com o Uruguai e 565 km da fronteira com a Argentina. A UFPel foi criada no ano de 1969 a partir da fusão da Universidade Federal Rural do Rio Grande do Sul (composta pela centenária Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, Faculdade de Veterinária e a Faculdade de Ciências Domésticas) e das Faculdades de Direito e Odontologia, em uma única instituição (UFPEL, 2019a).

A UFPel tem como objetivos fundamentais, a educação, o ensino, a pesquisa e a formação profissional e pós-graduação, bem como o desenvolvimento científico, tecnológico, filosófico e artístico, estruturando-se de modo a manter e ampliar a sua natureza orgânica, social e comunitária. Além disso, tem a missão de promover a formação integral e permanente do profissional, construindo o conhecimento e a cultura, comprometidos com os valores da vida, com a construção e o progresso da sociedade. Em sua Visão Institucional, a UFPel atesta que será reconhecida como universidade de referência pelo comprometimento com a formação inovadora e empreendedora capaz de prestar para a sociedade serviços de qualidade, com dinamismo e criatividade (UFPEL, 2019a).

A UFPel apresentou, desde seus primórdios, importante destaque na área de Ciências Agrárias, o que remonta ao final do século XIX com o surgimento da Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel. Foram igualmente relevantes no processo de desenvolvimento da UFPel a Faculdade de Direito, também centenária, e as Faculdades de Medicina e Odontologia, visto que ambas deram origem a toda a estrutura da área da saúde em na instituição (UFPEL, 2019a).

A Universidade conta com quatro campi: Campus Capão do Leão, Campus Porto, Campus Centro, Campus Norte, o Campus Fragata e o Campus Anglo, onde está instalada a Reitoria e demais unidades administrativas. A UFPel tem 22 unidades acadêmicas e conta com 96 cursos de Graduação presenciais, sendo 66 bacharelados, 22 licenciaturas, oito tecnólogos e três cursos de graduação a distância, em 117 polos (UFPEL, 2019a). O alcance da UFPel pode ser percebido pelo mapa apresentado na Figura 2.

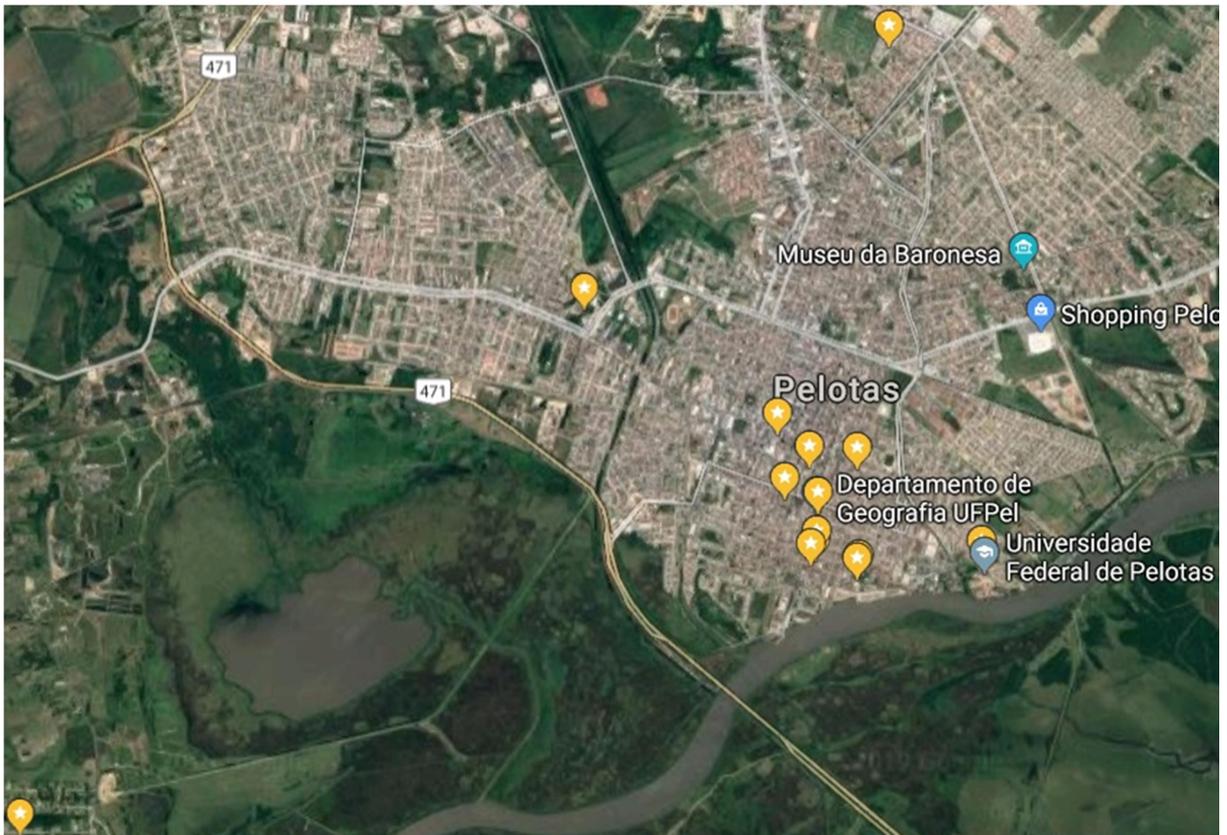


Figura XX: mapa de Pelotas e Capão do Leão com demarcação dos prédios da UFPel

Fonte: Google Maps

Na Figura 2 os prédios da UFPel estão sinalizados com uma estrela amarela. É possível ver uma concentração de prédios na zona que compreende o centro da cidade e o bairro Porto, em Pelotas, onde estão localizados os Campus Anglo, Porto e Centro. Bem próximo ao meio da imagem é possível ver Campus Fragata. Onde está localizado o prédio da Faculdade de Medicina, no bairro Fragata, em Pelotas. No limite superior da imagem é possível ver o prédio da Faculdade de Educação Física, no Campus Norte, no bairro Três Vendas, em Pelotas. No limite inferior da imagem vê-se o Campus Capão do Leão, onde está localizada a Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, no município de Capão do Leão.

Atualmente, uma série de ações em internacionalização está sendo articulada pela Universidade, com diversos convênios interinstitucionais firmados e ativos, com extensa mobilidade acadêmica, apresentando destaque em *rankings* internacionais principalmente nos quesitos internacionalização, inserção de sua produção intelectual, e níveis de citação de seus trabalhos acadêmicos. Assim, a partir dos relatórios de gestão da universidade, com base no Planejamento Estratégico para a internacionalização, a UFPel encontra-se engajada em um consistente processo de internacionalização impulsionado por uma agenda que envolve, entre outras ações, processo de internacionalização em casa, aprimoramento de currículos acadêmicos alinhados às necessidades globais, inserção de atividades acadêmicas em idiomas estrangeiros, e processos de incentivo para a buscar parcerias acadêmicas estratégicas no exterior (UFPEL, 2018).

4.2 A Pós-Graduação

A UFPel apresenta na área de Epidemiologia, centrada sobre um Programa de Pós-Graduação vinculado ao Departamento de Medicina Social e o primeiro da área de Saúde Coletiva no Brasil, a receber a nota máxima na avaliação da CAPES. Este PPG tem sua base junto ao Centro de Pesquisas Epidemiológicas (CPE), que é formado por um grupo de pesquisadores de referência nacional e internacional na área de investigação materno-infantil, desigualdades em saúde, atividade física e nutrição humana. A UFPel possui ainda outros três Programas de Pós-Graduação de excelência internacional de acordo com a avaliação CAPES: Biotecnologia, Odontologia e Fitossanidade. No total, em nível de Pós-Graduação, a universidade conta com 26 cursos de Doutorado, 50 cursos de Mestrado, seis cursos de Mestrado Profissional e 34 cursos de Especialização, contabilizando mais de 2.600 estudantes de pós-graduação (UFPEL, 2019a).

Na Coordenação do PPG em Biotecnologia está a Professora Lucielli Savegnago, Doutora em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Santa Maria e docente do quadro da UFPel desde 2010. A professora também coordena o Laboratório de Neurobiotecnologia do Centro de Desenvolvimento Tecnológico da UFPel e é pesquisadora do grupo de pesquisa em Neurobiotecnologia (GPN) (UFPEL, 2019a).

O PPG em Biotecnologia da UFPel teve sua origem no Centro de Biotecnologia da universidade, inaugurado em 1988. A experiência acumulada pelos pesquisadores reunidos no Centro, através dos diversos projetos de pesquisa desenvolvidos e de sua atuação nos diferentes cursos de pós-graduação da área de Ciências Agrárias, ensejou a criação em 1994 do Programa de Pós-Graduação em Biotecnologia, que passou inicialmente a oferecer um curso de Doutorado em Biotecnologia. Depois de uma reestruturação, com linhas de pesquisa voltadas apenas a área de ciências agrárias, passou a denominar-se Programa de Biotecnologia Agrícola e a oferecer o Curso de Mestrado e Doutorado em Biotecnologia Agrícola (UFPEL, 2019a).

Em 2008, com a criação do comitê de Biotecnologia na Capes, o programa retoma seu nome, Biotecnologia, e passa a fazer parte do pequeno grupo mais conceituados do País. Atualmente o Programa desenvolve as seguintes linhas de pesquisa: biotecnologia agroindustrial - segurança alimentar e impacto ambiental; biotecnologia aplicada à produção animal; biotecnologia aplicada à produção vegetal; biotecnologia aplicada à saúde humana; e biotécnicas de reprodução e animais transgênicos (UFPEL, 2019a).

Na Coordenação do PPG em Odontologia está a Professora Tatiana Cenci, Doutora em Clínica Odontológica pela Universidade Estadual de Campinas e docente do quadro da UFPel desde 2008. A professora realizou Doutorado Sanduiche no *Academisch Centrum Tandheelkunde Amsterdam (ACTA)*, com quem hoje a UFPel mantém atividades de pesquisa e intercâmbio pelo PPG em Odontologia. Foi orientadora das Teses ganhadoras do Prêmio Capes de Teses em 2015 e em 2017 (UFPEL, 2019a).

O PPG em Odontologia da UFPel iniciou como PPG em Endodontia em 1976. Nos anos 90, foi criada a área de concentração Dentística e a área de Endodontia foi desativada. Em 2003, foi aprovado o doutorado em Dentística. Em 2006, o PPGO abriu a área de concentração Odontopediatria e, a partir de 2009, passou a contar com as áreas de Diagnóstico Bucal, Materiais Odontológicos e Prótese Dentária, funcionando desta forma até 2016. A partir de 2017, com a reformulação didática, organizacional, pedagógica do curso, e, buscando qualificação na formação discente, o Programa passou a contar com duas áreas de concentração: Clínica Odontológica e Biomateriais e Biologia Oral. A partir de 2019, considerando a demanda local, o PPG passa a contar com a ênfase em Cirurgia e

Traumatologia Bucomaxilofacial e abre sua terceira área de concentração, em nível de mestrado e doutorado: Saúde Bucal Coletiva (UFPEL, 2019a).

Como Coordenador Adjunto do PPG em Epidemiologia, entrevistado nesta pesquisa, está o Professor Fernando César Wehrmeister, Doutor em Epidemiologia pela Universidade Federal de Pelotas e docente do quadro desde 2013. O referido professor representou a Coordenação do Programa nesta entrevista em razão da indisponibilidade de agenda da Professora Helen Denise Gonçalves da Silva, Coordenadora do Programa. O professor Fernando César Wehrmeister também é um dos coordenadores do projeto de pesquisa Coorte de Nascimentos de Pelotas de 1993 e colaborador no Projeto PLATINO e no Centro Internacional de Equidade em Saúde (UFPEL, 2019a).

O PPG em Epidemiologia iniciou suas atividades de mestrado em 1991 e de doutorado em 1998, focado principalmente no campo disciplinar da Epidemiologia. O Programa apresenta três áreas de concentração: Epidemiologia do Ciclo Vital; Epidemiologia dos Serviços de Saúde; e Determinantes Sociais do Processo Saúde-Doença-Cuidado, pelas quais se distribuem as linhas do programa (UFPEL, 2019a)

Na Coordenação do PPG em Fitossanidade está o Professor Moisés Zotti, Doutor em Fitossanidade pela Universidade Federal de Pelotas e docente do quadro desde 2015. O professor participou na elaboração do convenio firmado entre UFPEL e a *Ghent University*, da Bélgica, para doutorado conjunto entre ambas instituições (UFPEL, 2019a).

As atividades de pós-graduação em Fitossanidade tiveram origem em 1991 como área de concentração do Programa de Pós-Graduação em Agronomia. Em 1999, com a inclusão do nível de doutorado, constituiu-se como Programa de Pós-Graduação em Fitossanidade, com áreas de conhecimento em Entomologia, Fitopatologia e Herbologia, esta última com início no ano de 2001 (UFPEL, 2019a).

Para fins de organização, os entrevistados serão identificados conforme a Tabela 2.

Tabela 2 – identificação dos entrevistados

ENTREVISTADO	REFERÊNCIA	PPG	CONCEITO CAPES
Coordenador 1	C1	Biotecnologia	7
Coordenador 2	C2	Odontologia	6
Coordenador 3	C3	Epidemiologia	7
Coordenador 4	C4	Fitossanidade	6

4.3 Análise da situação atual dos PPG

Os resultados da avaliação quadrienal da CAPES, publicados em 2017, demonstram crescimento significativo dos programas de Pós-Graduação da instituição. Dentre os 45 programas avaliados, doze aumentaram suas notas. Com isso, a nota média dos PPG da UFPel passou de 3.8 para 4.1. As informações estão sintetizadas na Figura 3.

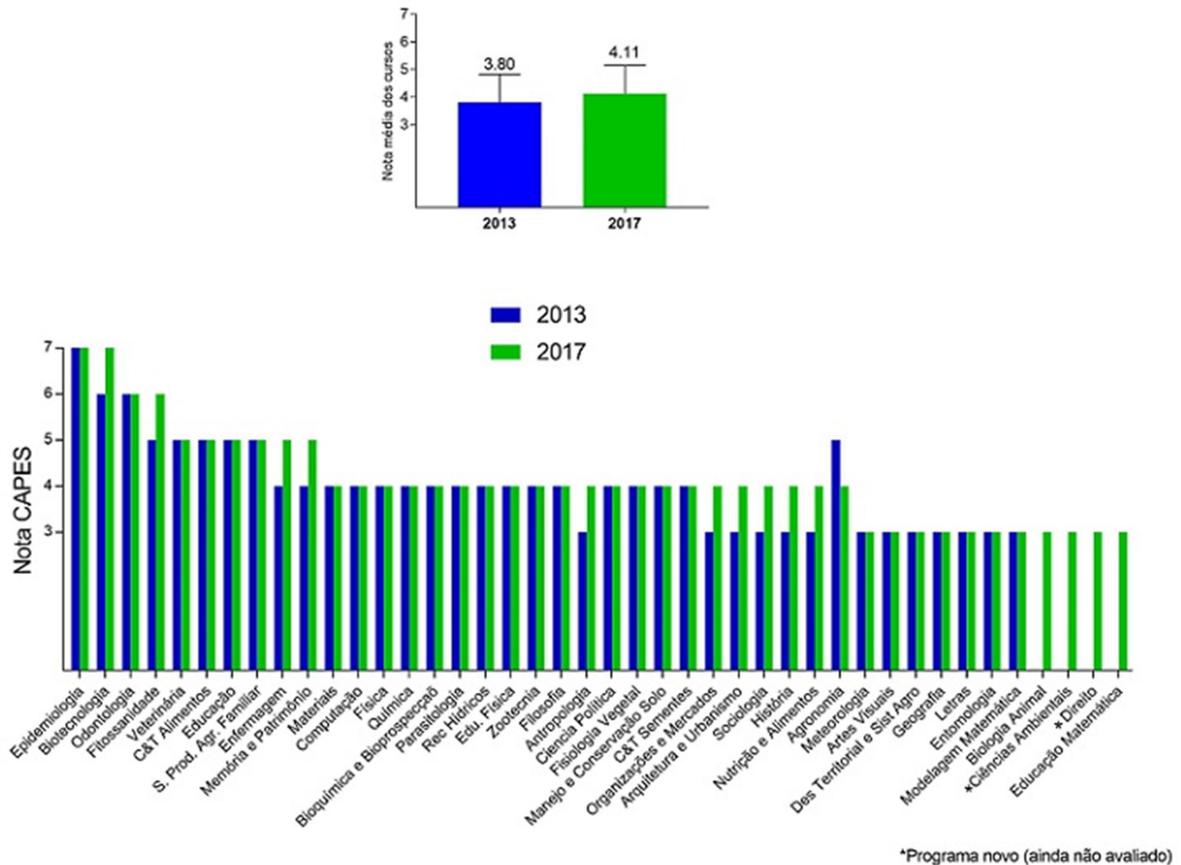


Figura 3: Avaliação CAPES dos PPG da UFPel
Fonte: UFPEL, 2019a.

Em nível de excelência, foi dobrado o número de programas conceito 7 (1 para 2) e mais um programa foi classificado com conceito 6, demonstrando a inserção internacional da pesquisa produzida na UFPel. Destaca-se a manutenção de cursos com conceito muito bom (nota 5) e o acréscimo de dois novos programas nesta faixa, mostrando qualificação e maturidade. Também se destacam os oito PPG que, em 2013, tinham conceito 3 e que, ao final da avaliação quadrienal, ascenderam a conceito 4, abrindo assim a possibilidade, para aqueles que ainda não tinham, de criação do nível de doutorado.

Na visão da Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação (PRPPGI), em entrevista concedida à Coordenação de Comunicação Social da UFPel, os resultados de avaliação da Pós-Graduação decorrem de esforços múltiplos e coordenados – dos órgãos de fomento, dos docentes, dos discentes e dos técnicos-administrativos dos cursos e da administração central. Nesse sentido, a PRPPGI tem desenvolvido sistematicamente ações de apoio, como consultoria para preenchimento do relatório Sucupira/CAPES, oficinas de orientação para solicitação de bolsas de produtividade em pesquisa e orientação para vinculação de docentes aposentados e pesquisadores de agências como professores permanentes nos programas. Com essas ações a PRPPGI pretende atingir tanto os programas que possuem espaço para avançar e abrir cursos de doutorado, quanto aqueles que, já consolidados, estão em busca do patamar de excelência na avaliação (UFPEL, 2019).

De acordo com as Fichas de Avaliação do quadriênio 2013-2016 da CAPES analisadas nesta pesquisa, disponíveis na Plataforma Sucupira, os Programas de Pós-Graduação da UFPel em Biotecnologia, em Epidemiologia, em Fitossanidade e em Odontologia tiveram desempenho suficiente para obterem nota 6 e 7.

Nas Fichas de Avaliação analisadas são apresentados os aspectos considerados pela CAPES para a recomendação da nota dos cursos. São avaliados itens relacionados à Proposta do Programa; ao Corpo Docente; ao Corpo Discente, Teses e Dissertações; à Produção Intelectual; à Inserção Social; e, por fim, são avaliados os quesitos de excelência relacionados ao nível de desempenho (formação de doutores e produção intelectual) diferenciado em relação aos demais programas da área e o desempenho equivalente ao dos centros internacionais de excelência na área (internacionalização e liderança). Nesta pesquisa são considerados os aspectos de internacionalização que permeiam os itens avaliados.

Na avaliação do PPG em Biotecnologia, foram apontadas colaborações e intercâmbios com instituições estrangeiras. Dentre as colaborações internacionais estabelecidas destacam-se as realizadas com a McGill University, no Canadá; a University of Surrey e a University of Nottingham, na Inglaterra; a ENSAT/INPT e o Instituto Pasteur, na França; a University of Connecticut, a University of Georgia, a University of Arizona e a University of Purdue, nos Estados Unidos; a Universidade de Milão e a Universidade de Bolonha, na Itália; a Ghent University, na Bélgica; e a Tokyo University of Agriculture, no Japão.

A internacionalização do PPG em Biotecnologia se concretiza pela produção científica de coautoria de docentes e discentes do programa e parceiros internacionais, pelos intercâmbios internacionais, pelas colaborações em projetos financiados por agências internacionais, pela participação de estudantes no Programa Sanduiche da Capes/CNPq e pelos projetos conjuntos entre docentes do Programa e de universidades estrangeiras. A atuação do corpo docente se destacou pela participação dos professores como editores e consultores *ad hoc* de revistas e de periódicos internacionais, e como debatedores e conferencistas de eventos internacionais.

Ainda foram consideradas ações pontuais e estratégicas na consolidação da internacionalização do PPG em Biotecnologia, como o recrutamento intensivo de estudantes estrangeiros, principalmente da América Latina; a criação de um programa online para divulgação de cursos e palestras entre discentes e professores de universidades parceiras internacionais, a fim de discutir em tempo real o desenvolvimento de projetos; e o incentivo e participação efetiva dos discentes do Programa no curso de Idiomas sem Fronteiras da UFPel, observando alta frequência de discentes do Programa que se submetem a testes de proficiência como TOEFL-ITP.

Na avaliação do PPG em Epidemiologia destacou-se a ampliação de bolsas internacionais para alunos de países de baixa renda, por meio da Fundação Wellcome Trust. A capacidade do Programa em captar recursos financeiros junto a órgãos de fomento internacionais é tida como excelente. Dentre os financiamentos obtidos no período da avaliação destacam-se as verbas da Organização Mundial de Saúde, da Organização Pan-americana de Saúde e da Fundação Bill and Melinda Gates.

A internacionalização da produção é marcante e os resultados de pesquisas desenvolvidas pelos docentes do PPG em Epidemiologia têm trazido benefícios concretos para a saúde da população mundial. Nos últimos 30 anos, dois grandes estudos tiveram impacto nas políticas mundiais de saúde: as pesquisas sobre a importância do aleitamento materno exclusivo durante os seis primeiros meses de vida do bebê, as quais influenciaram políticas mundiais de alimentação infantil; e o estudo INTERGROWTH, que forneceu um padrão internacional para detecção precoce de problemas de crescimento do feto.

Como expressão adicional de internacionalização foram registrados estágios de doutorado sanduíche em instituições consolidadas na área de saúde coletiva, como na Universidade de Toronto, Canadá; na University College of London, na Universidade de Bristol e na University of Oxford, Inglaterra; na Universidade de Queensland, Austrália; na University of North Carolina, na Universidade de Harvard, na Emory University e na University of Massachusetts Lowell, Estados Unidos.

No quadriênio 2013-2016, a partir de financiamento do Wellcome Trust, o PPG em Epidemiologia criou o centro de equidades, que além de desenvolver projetos de pesquisa, tem financiado a realização de curso de mestrado, doutorado e pós-doutorado para alunos de vários países, como Perú, Colômbia, Haiti, Chile, México, Guatemala e Benin.

Na avaliação do PPG em Fitossanidade são informadas as metas a serem atingidas tanto no avanço do conhecimento quanto na formação de recursos humanos e na inserção social, tendo em vista os desafios regionais, nacionais e internacionais da área.

O Programa apresentou qualidade equivalente à de centros internacionais de excelência por meio de sua participação relevante e de impacto, apresentando produção científica destacada no cenário internacional. Os docentes do programa possuem frequente atualização no exterior, com participações em eventos e congressos e com intercâmbios em instituições estrangeiras. O PPG em Fitossanidade apresenta atividades de colaboração internacionais, recebendo Professores e Pesquisadores de universidades dos Estados Unidos, da Alemanha, do Uruguai, de Portugal, de Moçambique, da França, do Peru e do México por meio de atividades de ensino e de pesquisa, e com efetivo intercâmbio de discentes para realização doutorado sanduíche.

Os índices apresentados pelo programa com relação à formação de doutores e produção intelectual e aqueles relacionados à internacionalização são superiores aos exigidos para a nota 5, justificando a atribuição da nota 6 .

Na avaliação do PPG em Odontologia, destaca-se que desde 2014 são ofertadas disciplinas no idioma inglês, o que não apenas possibilita o acesso de alunos estrangeiros ao Programa, mas também possibilita aos alunos brasileiros o aprimoramento de habilidades de comunicação na língua inglesa. A partir da experiência positiva de oferta de disciplinas em língua inglesa, consta no

planejamento estratégico do PPG em Odontologia a criação do primeiro Programa integralmente em idioma inglês da UFPel.

Os últimos editais de seleção do PPG em Odontologia têm sido publicados nos idiomas português, inglês e espanhol no intuito de atrair discentes de outros países, o que tem sido feito de forma bem-sucedida no Programa. O Programa recebeu alunos estrangeiros de países que incluíram Uruguai, Peru, Chile, Paraguai, Guatemala, México, Estados Unidos, Índia e Palestina. Também se investiu em estratégias de Ensino à Distância, por meio do qual foram ofertadas disciplinas cursadas por discentes que residem em outros países.

O Programa possui consolidadas relações de integração com diferentes instituições internacionais, promovendo mobilidade docente e discente. A internacionalização do Programa é evidente através de relações de intercâmbios já consolidadas com diversos centros de ensino e pesquisa internacionais, como a Universidade de Michigan, a Universidade de Portland, a New York University, e a University of Mississippi, nos Estados Unidos, Universidade de Otago, na Nova Zelândia, a ACTA e a Radboud University of Nijmegen, na Holanda, o Ottawa Research and Health Institute, no Canadá, e o Australian Research Centre for Population Oral Health, na Austrália, que podem ser constatadas pelo expressivo número de artigos em revistas de circulação internacional neste quadriênio, bem como nos indicadores bibliométricos.

No período avaliado, dois discentes receberam importantes prêmios internacionais: o Prêmio Paffenberger da Academy of Dental Materials e o Heraeus Kulzer Travel Award da International Association for Dental Research, evidenciando a inserção internacional da pesquisa realizada no Programa.

Ainda, anualmente, discentes de graduação e pós-graduação da Holanda realizaram estágio de intercâmbio no PPG em Odontologia por períodos de 3 a 6 meses. Junto à University of Nijmegen, da Holanda, o Programa possui convênio de cotutela que permite dupla titulação de alunos em ambas as instituições. Três estudantes brasileiros defenderam suas teses de Doutorado na Holanda no período.

Sessenta por cento do corpo docente permanente tem experiência internacional por meio de doutorado sanduíche e/ou estágio pós-doutoral. Docentes permanentes do PPG em Odontologia atuam como pareceristas de revistas de circulação internacional e são editores associados ou membros do corpo editorial de periódicos internacionais reconhecidos da área. Ainda, docentes do Programa

ministraram palestras e cursos como professores convidados em instituições internacionais.

Com base nas informações extraídas das Fichas de Avaliação dos PPG entende-se que grande parte das ações relacionadas à internacionalização são desenvolvidas em Língua Inglesa. Todos os PPG avaliados mantêm parcerias internacionais com universidades, centros e institutos de pesquisa estrangeiros, sendo a maioria de países que não falam a Língua Portuguesa. Entende-se que a comunicação é feita em prioritariamente em inglês, tanto durante as mobilidades reportadas, quanto nas publicações de coautoria internacional registradas. Esse entendimento tem base em Altan (2017), quando afirma que a globalização tem o poder de criar um mundo sem fronteiras, onde as pessoas se comunicam e fazem negócios utilizando o inglês.

Tanto o PPG em Odontologia quanto o PPG em Biotecnologia têm docentes como membros do corpo editorial de periódicos internacionais. Resgatando as afirmações de Altbach (2004), isso dá uma vantagem a esses PPG, que passam a agregar ao curso o conhecimento da linguagem e da metodologia utilizada nesses periódicos, facilitando as publicações internacionais dos demais docentes, e diminuindo a vantagem natural de pesquisadores estrangeiros que publicam na língua materna.

Apenas na Ficha de Avaliação do PPG em Biotecnologia é mencionado o Programa Idiomas sem Fronteiras, utilizado pelo PPG com o objetivo de capacitar os discentes na Língua Inglesa. Já a Ficha de Avaliação do PPG em Odontologia foi a única em que se registrou a presença de disciplinas ministradas em Inglês, apontando-se, inclusive, o plano do Programa em ampliar a oferta e tornar-se o primeiro curso com currículo integralmente no idioma. Menciona-se que a estratégia tem o objetivo de atrair estrangeiros e de capacitar os estudantes locais no idioma.

Nota-se que o objetivo do PPG em Odontologia está em consonância com os resultados encontrados por Wachter e Maiworm (2014), ao observarem nas universidades europeias que haviam adotado a metodologia EMI a ambição de atrair estudantes estrangeiros, preparar os alunos para a mobilidade e para um mercado de trabalho globalizado, além de elevar a posição da universidade em *rankings*.

4.4 A avaliação do nível de Proficiência em Língua Inglesa

Considerando as respostas obtidas nas entrevistas com os Coordenadores dos PPG selecionados para esta pesquisa, a fim de identificar a importância atribuída à Língua Inglesa na Pós-Graduação, todos os entrevistados informaram que os respectivos PPGs exigem algum tipo de comprovação de proficiência em Língua Inglesa dos discentes. Apenas o entrevistado C2 informou que o PPG não aceita o Teste de Competência em Leitura em Língua Estrangeira desenvolvido e aplicado pela UFPel, exigindo que a comprovação de proficiência seja feita por testes que avaliam leitura, compreensão oral, expressão oral e expressão escrita (TOEFL ou IELTS).

Quanto aos docentes, nenhum dos PPG exige comprovação de proficiência por testes de competências. O entrevistado C2 afirma que “parte do pressuposto que eles têm um nível de inglês suficiente para participar de um PPG de excelência e de que esse inglês é suficiente para escrever e poder responder perguntas de periódicos”.

Na mesma linha, o entrevistado C3 argumentou que “todos, sem exceção, ministram cursos fora, em inglês, na África, América Latina, Europa, todo mundo consegue ministrar aulas em inglês”.

Para a AEI (2010), o desenvolvimento da língua inglesa durante o período de formação acadêmica dos não-falantes do idioma é importante em razão das expectativas dos empregadores estrangeiros quanto aos níveis mínimos dessa habilidade, em especial no que se refere à produção oral, sendo o sotaque considerado um problema. Observa-se que a exigência do PPG em Odontologia faz com que os egressos do curso estejam mais próximos das expectativas dos empregadores estrangeiros em razão de precisarem comprovar a competência não só em leitura, como nos demais PPG, mas na compreensão oral, na expressão oral e na expressão escrita.

4.5 A necessidade do domínio da Língua Inglesa

A fim de identificar a importância atribuída à Língua Inglesa na Pós-Graduação, questionou-se aos Coordenadores sobre a necessidade de os estudantes terem do domínio da Língua Inglesa. Todos os entrevistados concordaram que é fundamental o conhecimento no idioma. O entrevistado C3 dá

ênfase no domínio da habilidade de leitura, pois sem isso “eles não vão conseguir acompanhar de uma maneira adequada todo o curso”. Já para o entrevistado C4 é necessário que o estudante tenha domínio mais amplo do idioma, incluindo a discussão de pesquisas entre as atividades que exigem o conhecimento na língua:

eles têm contato com o inglês todo dia, pra leitura de artigos, discussão de pesquisa, por exemplo. Os meus estudantes mesmo, eles mantêm contato com pesquisadores dos Estados Unidos e da Bélgica todo dia praticamente, pelo menos um e-mail eles mandam, a gente tem um contato bem próximo com eles e o inglês é a língua que a gente utiliza. [...] então por isso a importância dessa proficiência em inglês, de terem conhecimento em línguas, conhecimento em todas as habilidades, não só leitura, mas também escrita e manter uma discussão, uma comunicação em inglês (Entrevistado C4).

O entrevistado C2 complementou dizendo que “é impossível que um aluno de pós-graduação consiga fazer seu planejamento e fazer o desenvolvimento da sua dissertação ou tese sem saber inglês”, e o entrevistado C1 acrescentou que o domínio do idioma é necessário também para conversar com palestrantes e convidados estrangeiros. Os entrevistados C4 e C1 mencionaram também o possível interesse dos estudantes em realizarem Doutorado sanduíche em outros países, o que demandaria o conhecimento do inglês.

O entrevistado C3 comentou que:

a gente também procura sempre que possível, sempre quando recebe algum visitante estrangeiro, incluir esse visitante com um seminário de pesquisa ou um seminário de Mestrado, um seminário de Doutorado, para que os alunos também possam ter um pouco de familiaridade maior com a questão de ouvir alguém falando em inglês (Entrevistado C3).

Ainda, o entrevistado C3 complementou que essa atividade possibilita o *networking* entre estudantes e convidados estrangeiros, relacionando esse contato com a oportunidade de realizar um “sanduíche”.

Nota-se que mesmo sem exigir a comprovação do conhecimento da Língua Inglesa nas demais habilidades além da leitura, todos os entrevistados esperam que os discentes tenham habilidades de escrita, compreensão oral e produção oral.

Dentre as atividades realizadas nos PPG que exigem o domínio da Língua Inglesa, todos os entrevistados citaram a leitura de artigos como a mais comum. Os entrevistados C1 e C2 informaram que existem disciplinas ministradas em Língua Inglesa no PPG; C1 citou a disciplina de “Journal Club”, que é ministrada por um professor britânico e C2 afirmou que existem várias disciplinas em inglês, mas que são “espelhadas com as em Português”. No caso da disciplina de “Journal Club”, os estudantes só têm a opção de participar de aulas em inglês, pois não há uma versão

ministrada em Língua Portuguesa. No caso citado por C2, os estudantes podem escolher entre participar das aulas em inglês ou português.

O entrevistado C3 informou que na prova de qualificação realizada pelo PPG os estudantes “acabam tendo que fazer uma avaliação crítica de um artigo científico, e normalmente esse artigo científico é em inglês”. Em seguida citou que:

às vezes a gente vai fazer workshops fora e leva algum aluno junto e o aluno tem que participar falando em inglês, sendo meio que um monitor do processo de formação desse workshop (Entrevistado C3).

Outro exemplo mencionado por C3 é a defesa de trabalhos finais em inglês:

já houve defesa dos nossos alunos em inglês. Acho que foram 3 ou 4, no tempo que eu estou como docente, que as defesas ocorreram em língua inglesa, aí tanto os docentes participantes das bancas e o pessoal que estava ouvindo, era todo em inglês o processo da defesa, porque tinha um ou dois convidados externos que só falavam em inglês. Esses alunos eram brasileiros e fizeram sua defesa toda em inglês (Entrevistado C3).

Resgatando a informação disponível na Ficha de Avaliação da CAPES do PPG em Odontologia, também houve defesa de tese em inglês de três estudantes brasileiros do curso que realizaram dupla titulação na Holanda no quadriênio 2013-2016.

O entrevistado C4 citou que é comum os estudantes utilizarem o Skype para conversar com pesquisadores belgas e americanos com quem o PPG em Fitossanidade desenvolve pesquisas.

Todos os entrevistados confirmaram que existe literatura em Língua Inglesa no plano de disciplinas do PPG, reforçando a necessidade de os estudantes terem domínio do idioma. O entrevistado C1 afirmou que em cerca de 80% das disciplinas há utilização de bibliografia em inglês, enquanto C2 e C4 afirmaram que todas as disciplinas têm pelo menos 50% da literatura em Língua Inglesa. O entrevistado C3 estimou que grande parte das disciplinas obrigatórias utiliza literatura em inglês.

Observa-se pelas atividades citadas que a Língua Inglesa é a língua dominante na comunicação científica, seja pela literatura adotada nas disciplinas, pela escolha do idioma utilizado em workshops e seminários com pesquisadores que propagam o conhecimento científico, ou mesmo pela língua utilizada na comunicação diária entre pesquisadores, com o apoio de ferramentas tecnológicas como e-mail e Skype. Isso confirma a afirmação de Altbach (2009) sobre a ascensão do inglês como língua dominante no campo científico ser comparável ao latim na Europa medieval.

4.6 Formação Global x Formação Regional

Ao serem questionados sobre a importância da Língua Inglesa na atuação profissional do egresso, o entrevistado C2 afirma que se o estudante não souber se comunicar e interpretar textos em inglês ou se não desenvolver essas habilidades ao longo da vida acadêmica, ele “não está bem formado”. O entrevistado C1 considera que ter conhecimento em Língua Inglesa é fundamental para a atuação profissional “tanto no meio acadêmico quanto no meio de indústrias, na parte tecnológica”. Já o entrevistado C3 considera que depende do objetivo do egresso. Para C3,

a leitura em inglês para a carreira acadêmica é fundamental, porque literatura boa, pelo menos na nossa área, pelo menos grande parte dela é uma literatura estrangeira, e aí depende muito do perfil de cada egresso, porque tem gente que consegue consolidar sua carreira acadêmica dentro do Brasil, e se você consegue consolidar sua carreira acadêmica dentro do Brasil, eu não vejo a importância do inglês, mas se você quer construir um ‘network’ fora, uma rede de contatos, uma coisa assim mais fora do país, e ser de certa forma reconhecido internacionalmente, aí você precisa do inglês também em todas as outras habilidades dentro do que é necessário, então creio que isso depende muito do objetivo próprio do egresso (Entrevistado C3).

O entrevistado C4 afirmou que o PPG faz o acompanhamento dos egressos do Programa desde 1992. Com base nesse rastreamento é possível dizer que grande parte dos estudantes formados se encontra hoje em empresas multinacionais. Além disso, cerca de 30% estão na academia, e afirmou que “se ele tá atuando na academia com pesquisa, com certeza o inglês tá fazendo parte do dia a dia dele”. O entrevistado C4 ressalta ainda que

O nosso estudante sai muito preparado para a pesquisa, então quando ele entra na academia, ele busca muito se engajar em grupos de pesquisa, e a língua inglesa, ela vai estar embutida nesse sistema. Aquela outra parcela grande que abocanha os nossos estudantes, que são as multinacionais, como eu comentei, o inglês é algo que eles avaliam muito. Não existe uma proposta de emprego em uma multinacional que não está escrito lá: ‘proficiência em inglês, médio ou avançado’ (Entrevistado C4).

Sobre a relação entre a formação global e a formação regional, todos os entrevistados afirmaram que os PPG buscam a formação global. O entrevistado C3 afirmou que “quanto maior o alcance desse egresso, melhor”. O entrevistado C4 complementa dizendo que

eu quero que o nosso estudante saia do Programa e sente numa mesa com diferentes pessoas de várias partes do mundo e consiga debater um tema de relevância internacional. É isso que a gente foca. Porque se ele tem essa capacidade, com certeza ele consegue resolver problemas regionais também. O nosso estudante, ele não é um estudante, pelo menos hoje, focado em resolver problemas regionais, ele é um estudante pra resolver problemas a nível internacional (Entrevistado C4).

A declaração do entrevistado C4 ratifica a informação encontrada na Ficha de Avaliação da CAPES do PPG em Fitossanidade, que apresenta como meta do curso a formação de recursos humanos, tendo em vista os desafios internacionais da área.

Essa meta vai ao encontro da afirmação de Fielden (2007), quando diz que os empregadores multinacionais buscam graduados com ampla gama de habilidades para a vida, que incluem a conscientização de outras culturas e o domínio de idiomas. Jones (2013) atribui às universidades o papel de formar futuros cidadãos globais capacitados para o mercado de trabalho global. Entende-se que os PPG estão alinhados com essa percepção global, e que estão trabalhando para formar recursos humanos capacitados para atenderem as demandas do mercado, tanto acadêmico, de ensino e pesquisa, quanto do mercado de trabalho.

4.7 Estrangeiros nos PPG

De acordo com o levantamento realizado anualmente pela Coordenação de Relações Internacionais da UFPel, a universidade conta com 78 estudantes estrangeiros nos cursos de Pós-Graduação (dados de setembro de 2019). Este número é aproximado em razão de os levantamentos serem realizados por e-mail e de não haver um registro regular e sistematizado dos estudantes.

A distribuição dos estudantes estrangeiros de acordo com os Programas de Pós-Graduação da UFPel está disposta na Tabela 3.

Tabela 3 – distribuição dos estudantes estrangeiros nos PPG

PPG	N.º estudantes estrangeiros	Conceito CAPES
Biotecnologia	3	7
Epidemiologia	10	7
Fitossanidade	8	6
Odontologia	8	6
Ciência e Tecnologia de Alimentos	1	5
Enfermagem	15	5
Memória Social e Patrimônio Cultural	12	5
Sist. de Prod. Agrícola Familiar	3	5
Veterinária	1	5
Agronomia	5	4
Ciência Política	1	4
Filosofia	1	4
Física	1	4

Fisiologia Vegetal	2	4
Materiais	1	4
Química	1	4
Sociologia	1	4
Entomologia	1	3
Modelagem Matemática	3	3
Total	78	-

Fonte: adaptado de UFPEL, 2019b.

Observa-se que entre os quatro cursos conceito 7 e 6 concentram-se 29 estudantes estrangeiros, que correspondem a 37,17% do total de 78 estudantes registrados pelo levantamento da CRInter. Os cinco cursos conceito 5 têm entre eles 31 estudantes estrangeiros matriculados, o que corresponde a 39% do total, enquanto os 10 cursos conceito 4 e 3, somados, registraram 17 estudantes estrangeiros, que corresponde a 21,79% dos registros.

A nacionalidade dos estudantes estrangeiros matriculados nos PPG da UFPel de acordo com o levantamento da CRInter, está disposta na Tabela 4.

Tabela 4 – nacionalidade dos estudantes estrangeiros

Nacionalidade	n.º de estudantes
Argentina	3
Benim	1
Bolívia	2
Cabo Verde	1
Canadá	1
Chile	3
Colômbia	10
Equador	3
Estados Unidos	2
Haiti	3
Honduras	3
Itália	1
México	2
Moçambique	3
Paraguai	5
Peru	6
República Dominicana	1
Uruguai	21
Venezuela	7
Total	78

Fonte: adaptado de UFPEL, 2019b.

Observa-se pelos dados apresentados na Tabela 5 que 66 dos 78 estudantes estrangeiros matriculados em PPG da UFPel são de países cuja língua materna é o

espanhol, enquanto apenas 3 são de países anglófonos, 4 são de países francófonos e 4 falam originariamente a Língua Portuguesa.

Sobre a presença de hispano-falantes nos PPGs, cabe a percepção do entrevistado C4:

normalmente o latino, que vem de língua espanhola, ele aprende português relativamente fácil, e eles têm aula de Português, então... a gente optou por disciplinas em inglês porque é uma língua que é muito difundida em campo da ciência (Entrevistado C4).

Quanto à presença de professores estrangeiros que ministram aulas em Língua Inglesa, o entrevistado C1 informou que no PPG em Biotecnologia há um professor britânico, membro do corpo docente da UFPel; C3 informou que no PPG em Epidemiologia há um professor escocês, membro do corpo docente da UFPel; C4 informou que no PPG em Fitossanidade há 3 professores estrangeiros visitantes; e C2 informou que no PPG em Odontologia não há professores estrangeiros ministrando aulas em Língua Inglesa.

4.8 A metodologia EMI nos PPG e as disciplinas em Inglês

Os entrevistados foram perguntados se conheciam a metodologia EMI. C2 afirmou que sim, C1 afirmou que não e C3 e C4 disseram que já ouviram falar. A metodologia é uma ferramenta de ensino que potencializa a internacionalização; é uma metodologia que utiliza o Inglês como meio de passagem de conhecimento, sem o objetivo de ensinar o idioma (DEARDEN, 2014).

Quanto às disciplinas ministradas em Inglês, C1 afirmou que o PPG já oferece uma disciplina no idioma, e que existe a intenção de aumentar esse número. C2 informou que o PPG em Odontologia pretende “fazer todo o currículo nesse esquema do espelhamento”. O PPG em Odontologia conta com 11 disciplinas ministradas em Língua Inglesa no formato espelhado com as mesmas disciplinas em Língua Portuguesa. C4 afirmou que o PPG pretende ter duas disciplinas por área de concentração ministradas em inglês, somando 6 disciplinas no total. Essa proposta visa atrair estudantes estrangeiros, de acordo com o entrevistado C4.

Em contrapartida, o entrevistado C3 declarou que no PPG em Epidemiologia:

já se conversou sobre isso no passado. No momento temos tantas outras coisas para nos preocupar, como cortes de bolsa e tudo mais, que isso aí acaba a gente deixando meio de lado. Então, inclusive pros estrangeiros, a gente avisa pra eles que as aulas são em português, que eles têm que aprender português. A gente fala que eventualmente tem uma aula em inglês e tudo, mas as aulas são em português. Já houve uma discussão no

passado pra ter aulas em inglês, mas isso acabou não indo adiante porque as outras coisas acabam sendo mais urgentes e com impacto maior no curto prazo. A gente acaba dando prioridade pra essas coisas (Entrevistado C3).

A percepção do entrevistado C3 vai de encontro à percepção dos outros PPG e de autores que apontam os benefícios do uso do inglês em aula, como Doiz, Lasagabaster e Sierra (2014), que veem na oferta de cursos e disciplinas em inglês o potencial de atrair estudantes, professores e pesquisadores estrangeiros, além da possibilidade de capacitar os próprios estudantes e professores locais.

A Coordenação de Relações Internacionais da UFPel realizou uma consulta aos PPG da UFPel em 2017 para identificar quantas disciplinas eram ministradas em inglês na instituição. Considerando os PPG que responderam à consulta, chegou-se à relação de disciplinas disposta na Tabela 5.

Tabela 5 – relação de disciplinas ministradas em inglês

PPG	Nome da disciplina
Ciência e Tecnologia de Alimentos	Journal Club
Ciência e Tecnologia de Alimentos	Instrumental Analysis
Ciência e Tecnologia de Alimentos	Foodomics
Ciência e Tecnologia de Alimentos	Food Metabolic Biochemistry
Ciência e Tecnologia de Alimentos	Food packaging: from concept to product
Biotecnologia	Journal Club: Critical Reading And Evaluation Of Scientific Papers
Odontologia	Dental biomaterials;
Odontologia	Restorative Dentistry
Odontologia	Scientific writing;
Odontologia	Bioestatics Applied to Dentistry;
Odontologia	Clinical Trials;
Odontologia	Research with Oral Biofilms and Mouth Simulation;
Odontologia	Decision Making in Dentistry;
Odontologia	Cancer Research;
Odontologia	Systematic Reviews and Meta analysis;
Odontologia	Journology; Applied Scientific Methodology;
Odontologia	Oral health epidemiology;
Educação Física	Seminário de Pesquisa

Fonte: adaptado de UFPEL, 2017.

Sobre a importância de se ofertar disciplinas em Língua Inglesa nos PPG, o entrevistado C1 afirmou que é importante para a qualificação dos alunos, C2 disse que a importância “é total”. Já o entrevistado C4 relacionou a importância às necessidades dos estudantes estrangeiros:

A disciplina em inglês ela tem esse foco que é tornar a vida do estrangeiro um pouco mais fácil. Imagina, vem um estrangeiro e as disciplinas são todas em português, então é muito difícil pra ele. Já ao passo que se tiver disciplinas em inglês, isso é um alento. Espero que ele tenha também um bom conhecimento em inglês, isso facilita muito a vida deles, porque a gente já sabe, se o estudante tivesse as disciplinas em inglês, facilitaria um pouco (Entrevistado C4).

Na avaliação do entrevistado C4,

isso é uma questão que vem de cima, a CAPES... cada vez mais a gente vai ser cobrado por essa questão da internacionalização, e quanto o nosso curso é internacional, e todos os cursos que têm um caráter internacional eles têm que ter disciplinas em inglês. É uma coisa que não tem como fugir. Alguns cursos vão demorar mais, outros menos. Dentro do nosso planejamento estratégico, as disciplinas em inglês é uma das ações que a gente tá tomando, então a ideia é que até 2030 tudo isso já esteja rodando. A gente esteja recebendo estudantes de vento em popa. É um planejamento longo, porque hoje a gente é conceito 6 e até 2030 a ideia é que a gente atinja o conceito 7, e ter um elo dentro das três áreas de concentração, em inglês, pra atender estudantes internacionais, isso na visão da CAPES vai ser visto com bons olhos. Isso vai caracterizar também que o nosso curso é internacional, porque ele consegue receber estudante e tem uma representatividade internacional também (Entrevistado C4).

Em contrapartida, o entrevistado C3 fez a seguinte reflexão:

Pela nossa experiência, como a gente frequentemente recebe visitantes estrangeiros e a gente insere esses visitantes em seminários, [...] como a gente já tem muita gente de fora vindo pra cá e a gente inclui eles em seminários pra mestrados, em seminários pra doutorandos, enfim, a gente inclui eles em uma série de atividades, eu tenho certas dúvidas se a gente pensar em uma disciplina em inglês, [...] talvez uma disciplina concentrada, talvez seja interessantes, mas se a gente pensar uma disciplina em inglês, como essa disciplina pode acrescentar além do que a gente já faz. [...] eu tenho um pouco de dúvida se no momento a gente conseguiria ter um benefício muito grande numa disciplina em inglês ou não, embora eu ache importante (Entrevistado C3).

Pela declaração do entrevistado C3 entende-se que a Língua Inglesa já é utilizada como meio de instrução em várias atividades realizadas no PPG em Epidemiologia, sem que sejam formalizadas disciplinas ministradas no idioma.

4.9 Os desafios na implementação do EMI

Ao serem questionados sobre a existência de barreiras burocráticas ou culturais e sobre resistência à implementação de disciplinas em Inglês, o entrevistado C1 acredita que esses obstáculos não existem, que os professores têm interesse, mas que “o que falta, de repente, é ter mais professores com uma maior fluência na língua pra ministrar toda a disciplina em inglês”. Enquanto C2 complementa dizendo que

são dos próprios discentes que têm muito medo de fazer a disciplina por não conseguirem se comunicar, mesmo que a gente diga que eles podem responder em português. [...] acho que muitos docentes também têm essa barreira, que tenha talvez até vergonha de ofertar a disciplina e não conseguir ministrar ela em inglês. E eu acho que a ideia não é essa, a ideia é o *'English as a medium of instruction'*, tu não precisa ser perfeito no inglês, tu precisa saber o que é pra saber pra poder dar as tuas opiniões e fazer a formação (Entrevistado C2).

O entrevistado C3 também acredita que a maior resistência vem dos discentes:

creio que enfrentaríamos resistência por parte dos alunos, porque o que eu acho, de novo, é uma opinião pessoal, a gente dando curso em inglês não vai muito aluno se matricular, porque eles têm medo de não entender, eles tem medo de um monte de coisa, que eles não vão conseguir aproveitar... então eles preferem, eu acho, claro, muito mais fácil um curso em português, na língua mãe, do que um curso em inglês (Entrevistado C3).

Com relação às barreiras, o entrevistado C4 afirma que:

nós temos professores já pré-selecionados que vão ministrar as disciplinas em inglês... porque muitas vezes, dentro de um grupo de pós-graduação de 20 professores, que é o nosso curso, é um grupo heterogêneo, tem professores que querem se envolver com isso, tem professores que não querem se envolver. O que não quer se envolver a gente vai deixar de lado. Mas existem, graças a Deus, professores que querem ministrar disciplinas em inglês, mesmo tendo dificuldade. Quer dizer, tiveram experiência internacional, moraram fora, mas ainda... uma disciplina em inglês... mas é como eu comentei com eles: 'a gente vai ter que começar', a primeira edição da disciplina vai ser meio capenga, vai ter falhas, vai ter... a segunda vai melhorando... depois do terceiro ou quarto semestre que você ministra, já era! A barreira que existe é em relação a isso mesmo, a questão das pessoas terem consciência de que é necessário e fazer a roda girar, acho que essa é a maior barreira que tem, já tá praticamente sanada, a gente já tem os professores selecionados, que vão começar a ministrar, preparar, adaptar todas as aulas pro inglês, e começar a ministrar em inglês (Entrevistado C4).

Nesse contexto, relaciona-se as percepções dos entrevistados aos desafios do EMI apresentados no Capítulo 2. Tsuneyoshi (2005) cita três obstáculos com os quais se deparam as instituições. Primeiramente, quanto ao desafio linguístico, que trata da preocupação com a proficiência na língua, de acordo com as falas dos entrevistados C1, C2 e C3, entende-se que esse é o maior obstáculo para a implementação das disciplinas em inglês, em especial pela previsível resistência dos estudantes.

Quanto ao segundo desafio, de caráter cultural, nenhum dos entrevistados demonstrou preocupação com o possível sentimento de subjugação da língua portuguesa. Nota-se pela quantidade de atividades citadas que usam o inglês em seu desenvolvimento, que o idioma já foi aceito ou não é contestado.

O desafio estrutural, assim como o linguístico, encontra-se presente nas respostas dos entrevistados. Esse desafio trata da dificuldade em estabelecer uma estrutura institucional que comporte a oferta de cursos e disciplinas ministradas em inglês, no sentido de encontrar docentes dispostos a lecionarem em inglês. Em relação a isso, o entrevistado C4 demonstra que o PPG em Fitossanidade está lidando com o obstáculo preparando docentes para, aos poucos, começarem a

ofertar as disciplinas. O planejamento se estende até 2030, quando o PPG pretende ter 6 disciplinas em inglês. Enquanto o PPG em Odontologia, que já oferta 11 disciplinas em inglês, caminha para a transição de todo o currículo para a língua inglesa, conforme a resposta do entrevistado C2.

Adicionalmente, Bradford (2016) propôs o quarto desafio, o qual trata do mérito identitário, que compreende a preocupação das IES sobre como são vistas pelo restante do mundo. Esse desafio está relacionado à internacionalização da instituição de forma geral, que pode ser identificada de acordo com o posicionamento da IES em *rankings* internacionais, a participação em pesquisas em colaboração com outros países, o número de convênios internacionais, etc. Nesse aspecto, o EMI atua como facilitador da internacionalização, promovendo um ambiente favorável à presença de estrangeiros que contribuem para o desenvolvimento de pesquisas, de parcerias internacionais, de publicações de coautoria para periódicos internacionais etc. Nesse sentido, considerando-se as atividades que são desenvolvidas em inglês, todos os PPG parecem estar superando esse desafio.

4.10 O papel da universidade na proficiência em Língua Inglesa

Os entrevistados foram questionados sobre o que a UFPel poderia fazer para melhorar o nível de conhecimento em Língua Inglesa dos discentes. Todos os entrevistados comentaram sobre o impacto do Programa Idiomas sem Fronteiras (IsF) na capacitação da comunidade acadêmica, tanto de estudantes quanto de professores. Para o entrevistado C3,

uma das coisas muito boas que aconteceram e que deveriam continuar acontecendo, mas que com esse monte de corte de verba eu acho que vai ser difícil, que é a questão do Inglês sem Fronteiras. Eu acho que isso é um programa essencial pra formação de inglês dos discentes da universidade, mas que é uma pena que tá seriamente ameaçado. [...] esse tipo de estratégia, se possível, continuar oferecendo, pra que isso possa se manter e melhorar o nível de inglês de docentes, de discentes, enfim, de todo mundo da comunidade envolvida dentro da universidade (Entrevistado C3).

O entrevistado C2 afirmou que o fim do Programa “foi uma perda sem tamanho, a gente tinha vários discentes que faziam, e eles estavam aprendendo muito com isso, então essa perda foi muito ruim pra nós”.

Em julho de 2019, durante a apresentação do Programa Future-se, o Secretário da Educação Superior do Ministério da Educação, Arnaldo Barbosa de

Lima, declarou que o Programa Idiomas sem Fronteiras seria substituído. O Secretário não explicou qual modelo vai ser adotado no lugar do IsF (PALHARES, 2019).

O entrevistado C1 declarou que a UFPel poderia continuar com a oferta de cursos como os do IsF, inclusive oferecendo aulas no Campus Capão do Leão, pois isso facilitaria o acesso de alunos e professores.

Na avaliação do entrevistado C4:

O que vem à cabeça são cursos de inglês, porque todo mundo tem um conhecimento básico de inglês, agora o que diferencia aquele estudante que consegue manter conversação, mandar e-mail, escrever, ler, ouvir, daquele estudante, por exemplo, que tem problemas que não consegue deslanchar na língua... [...] em termos de pós-graduação, como é algo que você vivencia no dia a dia, você precisa da língua, isso é uma coisa que vem meio natural, você acaba aprendendo, o que a gente tem visto às vezes é que as universidades lançam aqueles cursos de redação, talvez essa questão de afinar um pouco a escrita, é algo que ajudaria bastante o estudante (Entrevistado C4).

No Planejamento Estratégico de Internacionalização da UFPel existe a previsão de se criar um Clube de Escrita Acadêmica em Idioma Estrangeiro, com o objetivo de organizar e viabilizar programas de suporte e estudos para promover habilidades de comunicação acadêmica em idiomas estrangeiros. Essa proposta atende à sugestão do entrevistado C4, capacitando estudantes na redação científica em língua inglesa.

Os entrevistados C2 e C4 também sugeriram ações de capacitação em EMI. Com relação a isso, o entrevistado C4 comentou:

eu acho que o que a gente tá enfrentando agora uma dificuldade grande com relação aos professores pra ministrar essas disciplinas em inglês. Eles vão ter que ter uma organização. Muitos professores não têm um conhecimento muito aprofundado em inglês, e ministrar uma disciplina em inglês é bem diferente do que você falar em inglês, então tem que ter conhecimento muito técnico (Entrevistado C4).

Para o entrevistado C2, a capacitação em EMI

é uma das que mais seria importante, ser dada com mais frequência, [...] até porque muitos dos docentes eles mal conhecem essa forma de... que seria mais tipo '*practice based learning*', e esse é o futuro, a gente enxerga claramente, então nisso a UFPel poderia ajudar sim, [...] disponibilizar esse tipo de curso pros docentes, pros discentes, que talvez seja mais importante, porque a gente talvez enxergue a importância, mas eles um pouco menos (Entrevistado C2).

Quanto à capacitação em EMI, o Planejamento Estratégico de Internacionalização da UFPel também prevê uma parceria entre Centro de Letras e Comunicação e a Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas para professores para a

implementação de disciplinas lecionadas em língua estrangeira. Essa proposta atende às sugestões dos entrevistados C2 e C4.

A fim de resgatar as informações relacionadas à presença da Língua Inglesa e à internacionalização nos PPG, elaborou-se a Tabela 7, onde se encontram os dados resumidos.

Tabela 7 - resumo das informações relacionadas à presença da Língua Inglesa e à internacionalização nos PPG

Categorias analisadas	PPG em Biotecnologia	PPG em Odontologia	PPG em Epidemiologia	PPG em Fitossanidade
Dados informados nas Fichas de Avaliação CAPES	- intercâmbios no exterior; - produção científica com parceiros internacionais; - recrutamento de estudantes estrangeiros; - participação nos cursos do IsF; - atuação em períodos internacionais (pareceristas e corpo editorial).	- oferta de disciplinas em inglês; - editais traduzidos para estrangeiros; - intercâmbio para o exterior; - prêmios internacionais; - atuação em períodos internacionais (pareceristas e corpo editorial); - defesa de tese em inglês.	- ampliação de bolsas para alunos de países de baixa renda; - pesquisas com impacto mundial; - doutorado sanduiche no exterior.	- metas de formação de recursos humanos que levam em consideração os desafios internacionais; - produção científica de destaque internacional; - intercâmbio e eventos no exterior.
Avaliação do nível de Proficiência em Língua Inglesa	- exige de alunos, aceita proficiência apenas em leitura;	- exige de alunos, aceita apenas proficiência nas quatro habilidades.	- exige de alunos, aceita proficiência apenas em leitura;	- exige de alunos, aceita proficiência apenas em leitura;
Necessidade do domínio da Língua Inglesa	- domínio amplo para contato com palestrantes, doutorado sanduiche, leitura de artigos.	- domínio amplo para desenvolvimento de tese e dissertação, leitura de artigos.	- domínio amplo para participar de seminários com estrangeiros, - ênfase na leitura.	- domínio amplo para discussão de pesquisa, leitura de artigos, contato com pesquisadores via e-mail e Skype.
Formação Global x Formação Regional	- formação global; - “conhecimento em Língua Inglesa é fundamental para a atuação profissional tanto no meio acadêmico quanto no meio de indústrias”.	- formação global; - “o estudante não souber se comunicar e interpretar textos em inglês não está bem formado”.	- depende do interesse do aluno; - “quanto maior o alcance, melhor”.	- formação global; - “eu quero que o nosso estudante saia do Programa e sente numa mesa com diferentes pessoas de várias partes do mundo e consiga debater um tema de relevância internacional”.
Presença de estrangeiros	- 3 estudantes; - 1 professor.	- 8 estudantes;	- 10 estudantes; - 1 professor.	- 8 estudantes; - 3 visitantes.
EMI e disciplinas em inglês	- 1 disciplina; - planeja ofertar	- 11 disciplinas; - planeja currículo	- não tem disciplinas nem	- não tem disciplinas,

	mais.	integral em inglês	planeja de ter.	planeja ter 6 em 2030.
Desafios na implementação do EMI	- capacitação de docentes.	- resistência de alunos; - capacitação de docentes.	- resistência de alunos.	- está lidando com o obstáculo estrutural e já tem professores aptos
O papel da universidade na proficiência em Língua Inglesa	- aulas de inglês para alunos e professores.	- aulas de inglês para alunos e professores.	- cursos focados na escrita científica.	- aulas de inglês para alunos e professores

Considerando o exposto neste capítulo, foi possível identificar as ações realizadas na UFPel para a capacitação dos estudantes de pós-graduação na habilidade de comunicação em Língua Inglesa. Também foi possível perceber a importância atribuída à Língua Inglesa na percepção dos Coordenadores dos Programas de Pós-Graduação entrevistados. Com base nisso, serão feitas recomendações à UFPel no Capítulo 5.

5 Recomendações à UFPel

A partir da análise das entrevistas, com base no referencial teórico do Capítulo 2, surgem algumas sugestões de melhorias e de novas ações a serem realizadas na UFPel, muito embora não se tenha a intenção de tomá-las como absolutas, mas como possíveis contribuições do trabalho no âmbito de um mestrado profissional em Administração Pública. Tais sugestões têm base também nas observações pontuadas na construção e desenvolvimento da pesquisa pela autora que, além desenvolver o estudo, faz parte do cotidiano do contexto analisado.

1. a primeira sugestão refere-se ao entendimento que os sujeitos possuem acerca da relevância do uso da Língua Inglesa nas atividades acadêmicas. Tal percepção decorre do fato de os PPG estarem em níveis diferentes no avanço da implementação de disciplinas e cursos no idioma. Enquanto dentro da UFPel já se encontram PPG's que ofertam sistematicamente esse conteúdo, outros não tem a pretensão de implementar ações desse tipo. Recomenda-se então que a UFPel trabalhe no sentido de conscientizar a comunidade acadêmica acerca da necessidade de acompanhar as tendências globais, elevando o nível da instituição em *rankings* internacionais e colocando a UFPel em uma posição de destaque.

2. É preciso também capacitar a comunidade acadêmica para que as disciplinas, os cursos e as demais atividades acadêmicas em Língua Inglesa sejam acessíveis a todos, evitando criar uma “bolha” que separe a comunidade em grupos, restringindo o acesso a essa ferramenta a poucos, e impactando positivamente apenas um grupo seleto de egressos, deixando os demais despreparados para o mercado de trabalho global que se apresenta após a formação universitária. Nesse contexto, e considerando as incertezas acerca do encerramento do Programa Idiomas sem Fronteiras, recomenda-se que a UFPel passe a discutir formas de assumir as atividades ora desenvolvidas no IsF, mantendo a oferta de cursos de inglês e outros idiomas, sem que seja interrompido o progresso que tem havido no sentido de capacitar a comunidade em línguas estrangeiras.

3. Em razão do alto nível de autonomia dos Programas de Pós-Graduação, existe uma grande perda de dados relacionados à presença de estrangeiros nos

PPG. Além disso, nota-se que muitas atividades acadêmicas são realizadas em Língua Inglesa sem que seja feito registro disso. Esses aspectos prejudicam a universidade nos momentos em que é necessário comprovar esse tipo de informação, como nos levantamentos feitos para *rankings*. Recomenda-se que a Pró-Reitoria de Gestão da Informação e Comunicação crie ou adapte um sistema que facilite a centralização dessas informações. Também é necessário que os secretários de curso tenham ciência da importância do preenchimento correto do cadastro de estudantes estrangeiros. Dessa forma, beneficiam-se tanto os PPG no momento de preenchimento de relatórios para a Avaliação Quadrienal da CAPES, quanto à CRInter, em diversos momentos em que é demandada a prestar informações desse tipo.

4. Por fim, a UFPel já conta com um Planejamento Estratégico de Internacionalização que aborda a temática da Língua Inglesa de forma transversal às metas e objetivos traçados. Recomenda-se que a gestão superior da UFPel utilize esse Planejamento de forma mais presente nas decisões da instituição. Recomenda-se que a Coordenação de Relações Internacionais realize avaliações periódicas quanto ao cumprimento das metas, chamando a comunidade para somar-se à força de trabalho na execução do Planejamento. Recomenda-se, também que o Centro de Letras e Comunicação elabore uma Política Linguística institucional olhe para as necessidades de internacionalização da universidade. Sobretudo, recomenda-se que a Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação mostre aos Programas de Pós-Graduação os caminhos para a internacionalização, que não se resumem a produção científica e às parcerias internacionais, mas também na utilização da Língua Inglesa como ferramenta facilitadora dessas ações, além de instrumento de capacitação dos discentes para o ingresso no mercado de trabalho global após a formação acadêmica.

As recomendações encontram-se sintetizadas na Tabela 6.

Tabela 6 - resumo das recomendações

Sugestão	Responsável → beneficiado
Ações de conscientização acerca da importância da Língua Inglesa	CRInter → PRPPGI PRPPGI → Programas de Pós-Graduação
Capacitação em EMI	CLC e PRPPGI → docentes

Incorporação das atividades do IsF	CLC → discentes
Cadastro correto de estudantes estrangeiros	PROGIC → PPG e CRInter
Cadastro de atividades acadêmicas realizadas em inglês	PROGIC → PPG e CRInter
Execução eficiente do Planejamento Estratégico de Internacionalização	CRInter → UFPel
Elaboração de Política Linguística	CLC → UFPel
Ações gerais pró-internacionalização	PRPPGI → Programas de Pós-Graduação

6 Considerações finais

O presente trabalho teve como objetivo analisar como a universidade pode proporcionar aos discentes de Pós-Graduação a habilidade de comunicação em Língua Inglesa para o mercado global de trabalho.

Com base na pesquisa foi possível identificar que os PPG estão em níveis diferentes no avanço da implementação de disciplinas, cursos e atividades acadêmicas desenvolvidas em Língua Inglesa. Constatou-se que, enquanto já existem disciplinas ministradas em inglês em alguns PPG, outros não pretendem implementar ações desse tipo. Apesar disso, todos os PPG desenvolvem, de alguma forma, atividades que exigem o conhecimento na Língua Inglesa, seja para a leitura de literatura da respectiva área, ou para a participação em seminários com convidados estrangeiros, ou na discussão com pesquisadores. Entende-se que há importância no conhecimento da língua na formação acadêmica em nível de Pós-Graduação.

Ainda foi possível elaborar sugestões de melhorias e de novas ações que a UFPel poderá realizar para seguir a tendência da internacionalização no ensino superior, elevando o nível da instituição no cenário acadêmico a nível mundial.

Diante dos resultados descritos, ressalta-se a contribuição do presente trabalho para o campo de estudos sobre a temática internacionalização e da globalização do ensino superior, no que diz respeito às habilidades que a formação acadêmica deve prover aos egressos da universidade.

Como limitações da pesquisa, tem-se que inicialmente seria realizado um maior número de entrevistas, com o Coordenador de Relações Internacionais, o Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação, com a Coordenadora do Idiomas sem Fronteiras e com o Vice-Reitor, buscando enriquecer o universo da pesquisa. Além disso, pretendia-se entrevistar um gestor de outra universidade onde já se tem a implementação do EMI em curso avançado, a fim de basear as recomendações para a UFPel em um modelo de sucesso. No entanto, devido à limitação de tempo, isso não se concretizou.

Além disso, destaca-se que alguns dados da instituição não são completos em razão de não haver uma sistemática que centralize as informações relacionadas aos estudantes estrangeiros presentes na UFPel, nem as informações relacionadas

às disciplinas ministradas em outro idioma. O COBALTO, sistema utilizado para a gestão acadêmica e registro de estudantes, no que se refere aos dados de estudantes de Pós-Graduação, é incompleto, impossibilitando que os extratos do sistema filtrem os estrangeiros. O campo “nacionalidade” não é obrigatório. Já as disciplinas listadas no Portal Institucional da UFPel são mostradas conforme são ofertadas. Assim, se uma disciplina das ministradas em Língua Inglesa não está sendo ofertada no momento da pesquisa, ela não aparece na listagem do Portal.

Considerando as dificuldades do sistema, a Coordenação de Relações Internacionais da UFPel realiza periodicamente consultas por e-mail aos PPG para atualizar os dados referentes a estudantes estrangeiros e disciplinas ministradas em Língua Inglesa. No entanto, muitos PPG não respondem à consulta, impossibilitando o levantamento completo das informações.

De uma forma ampla, entende-se que a pesquisa foi satisfatória e que os resultados são úteis para que se tenha uma breve noção do posicionamento da UFPel em relação às tendências de internacionalização do ensino superior. Durante a elaboração do Planejamento Estratégico de Internacionalização, discutiu-se muito sobre como oferecer mais oportunidades de contato com o idioma à comunidade da UFPel, levando em consideração principalmente o perfil variado de estudantes.

Entende-se que qualquer atividade em outro idioma deve ser optativa, pois é necessário levar em consideração que existem estudantes que não tiveram acesso ao ensino de línguas estrangeiras antes do ingresso na universidade. No entanto, a oferta, mesmo que de forma optativa, é escassa, e priva os estudantes que já têm a base do conhecimento do idioma de terem o contato com a língua no ambiente acadêmico, com a potencialização do aprendizado direcionado para a sua área de formação.

As estratégias precisam se complementar. É possível prover o conhecimento básico em Língua Inglesa a uns enquanto já se trabalha em inglês com outros. Em um dado momento, os dois grupos estarão alinhados e terão a habilidade de se comunicar. Na pesquisa foram apresentados dados que comprovam as vantagens de se ter a proficiência em inglês, tanto no ingresso quanto na progressão de carreira em empresas com perfil globalizado. Se a universidade não atua para capacitar seus alunos com o conhecimento do idioma, ela não forma plenamente o trabalhador que o mercado de trabalho global está esperando.

Embora a impossibilidade de generalizar os resultados alcançados seja uma limitação do método escolhido, entende-se que ele possibilita aprofundar a análise e realizá-la no contexto em que o objeto de estudo acontece. Para pesquisas futuras, sugere-se a seleção de outro método de investigação, que contemple também a percepção dos discentes e seu entendimento sobre a importância da Língua inglesa na formação acadêmica e no mercado de trabalho. Ademais, a pesquisa pode ser ampliada aos PPG conceito 5 na avaliação da CAPES, a fim de investigar quais ações estão sendo tomadas no sentido de elevar a nota do Programa para os conceitos 6 e 7, atribuídos apenas a cursos com desempenho equivalente a altos padrões internacionais.

Referências bibliográficas

ALI, Nor Liza. A Changing Paradigm in Language Planning: English-Medium Instruction Policy at the Tertiary Level in Malaysia. **Current Issues in Language Planning**, Londres, v. 14, n. 1, p. 73-92, 2013.

ALTAN, Mustafa. Globalization, English Language Teaching and Turkey. **International Journal of Languages' Education and Teaching**, v. 5, n. 4, p. 764-776, dez. 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/322013112_Globalization_English_Language_Teaching_Turkey. Acesso em: 03 mar. 2019.

ALTBACH, Philip. Globalization and the university: myths and realities in unequal world. **Tertiary Education and Management**, Londres, v. 10, p. 3-25, 2004.

ALTBACH, Philip; REISBERG, Lis; RUMBLEY, Laura. **Trends in Global Higher Education: Tracking an Academic Revolution**. Paris: UNESCO, 2009. 246 p.

ANDIFES - Associação Nacional de Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior. **Programa de expansão, excelência e internacionalização das universidades federais**. Brasília, 2012. Disponível em: http://www.andifes.org.br/wp-content/files_flutter/1360930928PEEXIU.pdf. Acesso em: 11 out. 2019.

ARKOUDIS, Sophie; HAWTHORNE, Leslyanne; BAIK, Chi; HAWTHORNE, Graeme; O'LOUGHLIN, Kieran; LEACH, Dan; BEXLEY, Emmaline. **The Impact of English Language Proficiency and Workplace Readiness on the Employment Outcomes of Tertiary International Students**. Canberra: Department of Employment, Education and Workplace Relations, 2009. 158 p.

AEI - Australian Education International. **The International Education Market in China**. Perth, 2006a. Disponível em: https://internationaleducation.gov.au/research/Publications/Documents/IntlEdMkt_China.pdf. Acesso em: 03 mar, 2019.

AEI - Australian Education International. **The International Education Market in Thailand**. Perth, 2006b. Disponível em: https://internationaleducation.gov.au/research/Publications/Documents/IntlEdMkt_Thailand.pdf. Acesso em: 03 mar, 2019.

AEI - Australian Education International. International graduate outcomes and employer perceptions. Canberra, 2010. Disponível em: https://internationaleducation.gov.au/News/Latest-News/Documents/2010_International_Graduate_Outcomes_pdf.pdf. Acesso em: 03 mar, 2019.

BANEGAS, Dário; LASAGABASTER, David; DOIZ, Aintzane; SIERRA, Juan Manuel. Motivation and foreign language learning: From theory to practice. **Revista Española de Lingüística Aplicada**. v. 28. p. 641-646, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/294104445_Lasagabaster_D_Doiz_A_Sierr

[a J M Eds 2014 Motivation and foreign language learning From theory to practice](#). Acesso em: 03 mar. 2019.

BAKER, Will; HUETTNER, Julia. English and more: a multisite study of roles and conceptualisations of language in English medium multilingual universities from Europe to Asia. **Journal of Multilingual and Multicultural Development**. Londres, Taylor & Francis, v. 38, n. 6, p. 501-516, 2017.

BEUREN, Ilse Maria; SOUZA, José Carlos. Em busca de um delineamento de proposta para a qualificação dos periódicos internacionais de contabilidade para o Qualis CAPES. **Revista Contabilidade & Finanças**, São Paulo, v. 19, n. 46, p. 44-58, 2007.

BODEN, Rebecca; NEDEVA, Maria. Employing Discourse: Universities and Graduate 'Employability'. **Journal of Education Policy**. Londres: Taylor & Francis, v. 25. p. 37-54, 2010.

BRADFORD, Annette. Toward a typology of implementation challenges facing English-medium instruction in higher education: Evidence from Japan. **Journal of Studies in International Education**, Londres, v. 20, p. 339–356, 2016.

BYUN, Kiyong; CHU, Huijung; KIM, Minjung; PARK, Innwoo.; KIM, Suhong.; JUNG, Juyoung. English-medium teaching in Korean higher education: Policy debates and reality. **Higher Education**, Nova York: Springer, v. 62, p. 431-449, 2011.

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Ficha de Avaliação do Programa de Pós-Graduação em Biotecnologia**. Brasília, 2017a.

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Ficha de Avaliação do Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia**. Brasília, 2017b.

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Ficha de Avaliação do Programa de Pós-Graduação em Fitossanidade**. Brasília, 2017c.

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Ficha de Avaliação do Programa de Pós-Graduação em Odontologia**. Brasília, 2017d.

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Sobre Avaliação de Cursos**. Brasília, 2018. Disponível em:

<https://www.capes.gov.br/acessoainformacao/perguntas-frequentes/avaliacao-da-pos-graduacao/7421-sobre-avaliacao-de-cursos>. Acesso em: 11 out. 2019.

CHO, Dang Wan. English-medium instruction in the university context of Korea: Trade off between teaching outcomes and media-initiated university ranking. **The Journal of Asia TEFL**, v. 9, n. 4, p. 135-163, 2012. Disponível em: http://www.asiatefl.org/main/download_pdf.php?i=84&c=1419299249&fn=9_4_06.pdf. Acesso em: 12 jul. 2018.

CORRALES, Kathleen Anne; PABA REY, Lourdes A.; SANTIAGO ESCAMILLA, Nazira. Is EMI Enough? Perceptions from University Professors and Students. **Latin**

American Journal of Content and Language Integrated Learning, Bogotá, v. 9, n. 2, p. 318-344, 2016.

COTTON, Kathleen. **Developing Employability Skills**, Portland: Northwest Regional Educational Research Laboratory, 2001, 23 p.

CRYSTAL, David. **English as a global language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. 212 p.

DE SA E SILVA, Fabio; LOPEZ, Felix; PIRES, Roberto. Métodos Qualitativos de Avaliação e suas Contribuições para o Aprimoramento de Políticas Públicas. In: CARDOSO JR., José Celso (Org.). **Brasil em Desenvolvimento: Estado, Planejamento e Políticas Públicas**. Brasília: IPEA, 2010. 252 p.

DE WIT, Hans; HUNTER, Fiona; EGRON-POLAK, Eva; HOWARD, Laura (Org.). **Internationalisation of Higher Education**. A study for the European Parliament. Bruxelas: European Parliament, 2015. 319 p.

DE WIT, Hans; JARAMILLO, Isabel; GACEL-ÁVILA, Jocelyne; KNIGHT, Jane. **Educação superior na América Latina: a dimensão internacional**. Paris: Banco Mundial, 2005. 387 p.

DEARDEN, Julie. **English as a Medium of Instruction – A Growing Global Phenomenon: Phase 1. Interim Report**, Oxford: University of Oxford and the British Council, 2014. 34 p.

DECROP, Alain. Qualitative research practice. A guide for social science students and researchers. *Recherche et Applications en Marketing*, Paris, v. 19, n. 2, p. 126-127, 2004.

DOWLE, Martin. **Guide to English as a Medium of Instruction in Brazilian Higher Education Institutions 2018-2019**. Manchester: British Council, 2018. 62 p.

EF - Education First. **Índice de Proficiência em Inglês da EF 2018**. EF Education First, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.ef.com.br/epi/>. Acesso em: 03 mar. 2019.

ERLING, Elizabeth. **Role of English in skills development in South Asia**. Mumbai: British Council India. 2014, 28 p.

FIELDEN, J. (2007), **Global Horizons For UK Universities**. Londres: CIHE. 2007, 51 p.

GACEL-AVILA, Jocelyne. **Internacionalización de la Educación Superior en América Latina y el Caribe**. Reflexiones y Lineamientos. Montreal: Organización Universitaria Interamericana, 1999. 210 p.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009. 198 p.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs.). **Métodos de**

Pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, 120p.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Editora Atlas, 2008, 220 p.

GODOY, Arilda. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GROSSI, Yonne de Soyza. **Mina de Morro Velho:** a extração do homem, uma história de experiência operária. São Paulo: Paz e Terra, 1981. 265 p.

HERNANDEZ-NANCLARES, Núria; JIMENEZ-MUNOZ, Antônio. English as a Medium of Instruction: Evidence for Language and Content Targets in Bilingual Education in Economics. **International Journal of Bilingual Education and Bilingualism**, Oxfordshire, v. 20, n. 7, p. 883-896, 2017.

HU, Guangwei; ALSAGOFF, Lubna. A public policy perspective on English medium instruction in China. **Journal of Multilingual and Multicultural Development**. v. 31. p. 365-382, 2010.

JAMBOR, Paul Z. English language necessity: What it means for Korea and non-English speaking countries. **Journal of English as an International Language**, v. 2, p. 103-123, 2011. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED528279.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2018.

JONES, Elspeth. Internationalization and Employability: the Role of Intercultural Experiences in the Development of Transferable Skills. **Public Money & Management**, Londres, v. 33, n. 2, p. 95–104, 2013.

KAUARK, Fabiana; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa:** guia prático. Itabuna: Ed. Via Litterarum, 2010. 88p.

KNIGHT, Jane. Internationalization remodeled: definition, approaches, and rationales. **Journal of Studies in International Education**, Londres, v. 8, n. 1, p. 05-31, 2004.

KNIGHT, Jane. **Higher Education in Turmoil:** The Changing World of Internationalization (Global Perspectives on Higher Education). Leiden: Brill – Sense, 2008. 256 p.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003, 311 p.

LAUS, Sonia Pereira; MOROSINI, Marília. A internalização da educação superior no Brasil. In: DE WIT, Hans; JARAMILLO, Isabel; GACEL-ÁVILA, Jocelyne; KNIGHT, Jane (Org.). **Educação superior na América Latina:** a dimensão internacional. Paris: Banco Mundial, 2005. p. 117-156.

MACHADO, Anna Rachel. **O ensino como trabalho:** uma abordagem discursiva. Londrina: EDUEL. 2004, 325p.

MADHAVAN, Divya; MCDONALD, Julie. **Food for thought**. English as Medium of Instruction (EMI): Philosophies and Policies. Paris: OECD Higher Education Programme, 2014. p. 1-3.

MARTINEZ, Ron. English as a Medium of Instruction (EMI) in Brazilian higher education. In FINARDI, Kyria R. (Org.). **English in Brazil**: views, policies and programs. Londrina: Eduel, 2016. p. 191-228.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec; 2013. 407 p.

MIRANDA, José Alberto Antunes de; STALLIVIERI, Luciane. Para uma política pública de internacionalização para o ensino superior no Brasil. **Revista da Avaliação da Educação Superior**, Campinas, v. 22, n. 3, p. 589-613, 2017.

MOURA, Dácio G.; BARBOSA, Eduardo F. **Trabalhando com projetos**. Petrópolis: Vozes, 2006, 248 p.

NIEMELÄ, Karita. **Employability of a Business Graduate** – Skills and Experience Required When Entering the Job Market. Helsinki: Haaga-Helia University Of Applied Sciences, 2016, 44 p.

PAIGE, R. Michael. Internationalization of higher education: Performance assessment and indicators. **Nagoya Journal of Higher Education**, Nagoia, v. 5, p. 99-122, 2005.

PALHARES, Isabela. Idiomas sem Fronteiras sera encerrado pelo MEC. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 19 jul. 2019. Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral/idiomas-sem-fronteiras-sera-encerrado-pelo-mec,70002927793>. Acesso em: 11 out. 2019.

SECCHI, Leonardo. **Políticas Públicas**: Conceitos, Esquemas de Análise, Casos Concretos. São Paulo: Cengage Learning, 2010. 188p

TESCH, Renata. **Qualitative research**: analysis types and software tools. Basingstoke: The Falmer Press, 1990, 330 p.

TOMLINSON, Michael. Graduate Employability: A Review of Conceptual and Empirical Themes. **Higher Education Policy**, Nova York, v. 25. p. 407-431, 2012.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**: a Pesquisa Qualitativa em Educação – O Positivismo, A Fenomenologia, O Marxismo. São Paulo: Atlas, 1987. 175 p.

TSUNEYOSHI, Rioko. Internationalization strategies in Japan: The dilemmas and possibilities of study abroad programs using English. **Journal of Research in International Education**, Londres, v. 4, p. 65-86, 2005.

UFPEL - Universidade Federal de Pelotas. Coordenação de Relações Internacionais. **Levantamento de disciplinas ministradas em inglês**. Pelotas, 2017.

UFPEL - Universidade Federal de Pelotas. Coordenação de Relações Internacionais. **Planejamento Estratégico de Internacionalização**. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/crinter/files/2018/07/Planejamento-Estrat%C3%A9gico-de-Internacionaliza%C3%A7%C3%A3o-da-UFPel-vers%C3%A3o-final.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2018.

UFPEL - Universidade Federal de Pelotas. **Portal Institucional**. Pelotas, 2019a

UFPEL - Universidade Federal de Pelotas. Coordenação de Relações Internacionais. **Levantamento de estudantes estrangeiros**. Pelotas, 2019b.

WÄCHTER, Bernd; MAIWORM, Friedhelm (Eds.). English-taught programmes in European higher education: The state of play in 2014. Bonn: Lemmens Medien, 2014. 138 p.

WELP, Anamaria Kurtz de Souza; FONTES, Ana Beatriz Areas da Luz; SARMENTO, Simone. O Programa Inglês sem Fronteiras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. In: SARMENTO, Simone; ABREU-E-LIMA, Denise Martins; MORAES FILHO, Waldenor Barros (Org). **Do Inglês sem Fronteiras ao Idiomas sem Fronteiras: A construção de uma política linguística para a internacionalização**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016, p. 125-147.

WIJEWARDENE, Lishanthi; YONG, David; CHINNA, Karuthan. English for Employability - the Need of the Hour for Sri Lankan Graduates. **British Journal of Arts and Social Sciences**, Londres, p. 137-145, 2014.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2001, 205 p.

YORKE, Mantz; KNIGHT, Peter T. **Employability: judging and communicating achievements**. York: Learning and Teaching Support Network. 2004, 20 p.

YORKE, Mantz. **Employability in higher education: what it is, what it is not**. York: Higher Education Academy, 2006. 24 p.

Apêndices

Apêndice A - Roteiro de entrevista

1. Como é aferido o nível de proficiência em Língua Inglesa dos discentes e docentes do PPG?
2. Por que é necessário que o estudante do PPG tenha domínio da Língua Inglesa?
3. Em que atividades acadêmicas os alunos utilizam a Língua Inglesa?
4. Existe literatura em Língua Inglesa no plano das disciplinas do PPG? Se sim, em qual proporção?
5. Você considera o conhecimento em Língua Inglesa importante para a atuação profissional do egresso do PPG?
6. No cenário atual, você considera que o estudante é formado para atuar no mercado global ou regional?
7. Existem professores estrangeiros ministrando aulas em Língua Inglesa no PPG?
8. Existem estudantes estrangeiros no seu PPG?
9. Você conhece a metodologia EMI (*English as Medium of Instruction*)?
10. Existe a intenção de se criar disciplinas ministradas em Língua Inglesa ou de se adaptar disciplinas já existentes para que sejam ministradas em Língua Inglesa no PPG?
11. Qual seria a importância, no seu ponto de vista, de se ter disciplinas em Língua Inglesa no PPG?
12. No seu ponto de vista o que a UFPel poderia proporcionar para melhorar o nível de conhecimento em Língua Inglesa dos discentes?
13. Existem barreiras culturais ou burocráticas, ou resistência para a implementação de disciplinas em Língua Inglesa no PPG?
14. Você teria algo para acrescentar sobre o assunto?

Apêndice B – Relação de Documentos Analisados

- a) Planejamento Estratégico de Internacionalização da UFPel;
- b) E-mails da Coordenação de Relações Internacionais da UFPel;
- c) Portal Institucional da UFPel;
- d) Site dos PPG em Biotecnologia, em Odontologia, em Fitossanidade e em Epidemiologia;
- e) Fichas de Avaliação da CAPES dos PPG em Biotecnologia, em Odontologia, em Fitossanidade e em Epidemiologia;